

ANDREW MARR



A REAL ELIZABETH

Uma visão inteligente e intimista do papel
de uma monarca em pleno século 21



Andrew Marr

A REAL
ELIZABETH

Andrew Marr

A REAL
ELIZABETH

Uma visão inteligente e intimista
de uma monarca em pleno século 21



Copyright © Andrew Marr 2011
Macmillan UK, Londres, 2011
TODOS OS DIREITOS NO BRASIL RESERVADOS PARA

Editora Europa

Rua MMDC, 121
São Paulo, SP



Editor e Publisher Aydano Roriz
Diretor Executivo Luiz Siqueira
Diretor Editorial – livros Mário Fittipaldi
Tradução do original em inglês Elisa Duarte Teixeira
Preparação Mário Fittipaldi
Revisão de Texto Cátia de Almeida
Edição de Arte Jeff Silva
Título original em inglês *Diamond Queen: Elizabeth II and Her People*
ISBN 978-0-230-74852-1
Foto da capa © Anwar Hussein/ Getty Images

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marr, Andrew

A real Elizabeth : uma visão inteligente e intimista de uma monarca em pleno século 21 / Andrew Marr ; [tradução do original em inglês Elisa Duarte Teixeira]. -- São Paulo: Editora Europa, 2012

Título original: Diamond Queen: Elizabeth II and her people.

Bibliografia

ISBN 978-85-7960-131-6

1. Elizabeth II, Rainha do Reino Unido, 1925-
 2. Rainhas – Reino Unido – Biografia. 3. Reino Unido – História – Elizabeth II, 1952-
- I. Título

12-93827

CDD-941.085092

Índices para catálogo sistemático:

1. Rainhas : Reino Unido: Biografia 941.085092

Atendimento ao Leitor Fabiana Lopes – fabiana@europanet.com.br
Livrarias Flávia Pinheiro – flaviapinheiro@europanet.com.br
Promoção Aida Lima – aida@europanet.com.br

Este título também está disponível na versão de livro eletrônico.

*Para minha mãe,
Anne Valerie Marr*

Sumário



Agradecimentos	9
Prefácio	11
PRÓLOGO	
O que faz a rainha	17
PARTE UM	
Dinastia é destino: como a monarquia britânica se reinventou	35
PARTE DOIS	
Lilibet	87
INTERLÚDIO	
A rainha no mundo	134
PARTE TRÊS	
O trabalho da rainha	147
INTERLÚDIO	
<i>Britannia</i> e as ondas	202
PARTE QUATRO	
Cortem-lhe a cabeça! Elizabeth II nos anos 1960	213
INTERLÚDIO	
Dinheiro	290
PARTE CINCO	
Em meio à tormenta	303
EPÍLOGO	
O futuro	389
Notas	399
Bibliografia selecionada	405

OBSERVAÇÃO

As notas de tradução foram inseridas no corpo de texto, entre colchetes e em *itálico*

Agradecimentos



Este livro foi escrito enquanto eu redigia e filmava uma série de televisão da BBC de três partes sobre a rainha, transmitida no aniversário de sua ascensão, em fevereiro de 2012. Não é, no entanto, “o livro da série”, mas uma empreitada à parte. Nem tem, de maneira alguma, autorização oficial. O texto foi lido pelo palácio para que fossem corrigidos os erros factuais, mas não houve nenhum acesso aos arquivos reais, nem quaisquer restrições sobre o que eu poderia dizer. Gostaria, no entanto, de registrar meu profundo agradecimento à equipe cooperativa, sensata e amigável da rainha no Palácio de Buckingham, que me abriu portas e corrigiu enganos. Gostaria de agradecer aos membros da família real, servidores reais do passado e do presente, amigos da família, funcionários da Whitehall e também muitos políticos e jornalistas por sua sincera ajuda. Muitos deles não quiseram ser identificados pelo nome; então, tentei respeitar todas as promessas de confidencialidade. Não infestei o texto de asteriscos fazendo referência a irritantes notas de rodapé em que se lê: “informação confidencial”. O que se segue tem por base o meu mais sincero esforço para registrar os fatos e opiniões que me foram dados por pessoas em posição de saber, e também, naturalmente, alguns exemplares da altíssima pilha de livros sobre a rainha, seu reinado e sua família já publicados (as fontes publicadas são referenciadas no final deste livro).

Eu não poderia ter escrito este livro sem a ajuda da Biblioteca de Londres, que é a coisa mais parecida com um lar espiritual que tenho. Nem sem a ajuda do *expert* Gilly Middleburgh, ou o apoio e incentivo da equipe da BBC, incluindo Nick Vaughan-Barratt e Sally Norris. Dentre as muitas pessoas que foram especialmente gentis, gostaria de mencionar a equipe do gabinete de imprensa do Palácio de Buckingham, infalivelmente agradáveis e prestativos; lorde Janvrin e lorde Fellowes, ex-secretários privados da rainha; conde de Airlie, lorde Luce, Charles Anson; Peter Hennessy, amigo e autor incomparável da história britânica moderna; *sir* Gus O'Donnell, lorde Wilson, lorde Armstrong de Hereford, lorde Turnbull, Mary Francis, Philip Astor; meu agente espantosamente bem-sucedido Ed Victor; minha esposa Jackie Ashley; Philippa Harrison, que editou habilmente o manuscrito bruto; e a equipe da Macmillan liderada por Jon Butler e Georgina Morley.

Muitos anos atrás, eu teria me descrito, confiante, como um republicano. Principalmente porque eu pensava que isso me faria parecer inteligente. Como estratégia, o plano estava malfadado. “Quem você pensa que é?”, pensei, e há muito descartei o elitismo do antimonarquismo em um país profundamente pró-monarquia. A maioria nem sempre tem razão, Deus é testemunha; mas quando levantam uma taça ou uma caneca para brindar a estabilidade e a confiança que a rainha Elizabeth II trouxe durante décadas difíceis, essas pessoas expressam o verdadeiro senso comum. Tenho acompanhado a rainha em alguns de seus muitos compromissos, e falado com aqueles mais próximos a ela, de damas de companhia a amigos e membros da família real também. E honestamente: quanto mais você a vê em ação, mais impressionado fica. Ela tem sido diligente, mas também muito mais que diligente. Tem sido astuta, gentil e sábia. A Grã-Bretanha sem ela teria sido um lugar mais cinza, mais estridente, mais descarnado.

Prefácio



A rainha é a mulher mais famosa do mundo. O casamento de seu neto William com Kate Middleton, em 2011, foi assistido pela televisão por cerca de um terço da população mundial. Andrew Marr pergunta o que significa ter uma rainha por sessenta anos consecutivos em vez de uma sucessão de presidentes. No Reino Unido, a monarquia da rainha Elizabeth II foi a única que a maioria de nós conheceu. A rainha é conhecida por sua dedicação, responsabilidade e trabalho árduo — uma continuação da obra dos dois monarcas anteriores, seu avô e seu pai. Ela é uma parte importante da identidade britânica. Assim como Andrew Marr, muitas pessoas se questionaram nos anos 1960 e 1970 se a monarquia britânica permanecia relevante; mas, hoje, poucas pessoas propõem ativamente um sistema alternativo.

No entanto, o livro de Andrew Marr nos conta que a Família Real britânica nem sempre foi popular. Durante a Primeira Guerra Mundial, ao ver as monarquias de outros países europeus entrarem em colapso, decidiu mudar seu sobrenome para Windsor, de forma que parecesse mais britânico. O filme *O Discurso do Rei* mostrou a crise da abdicação de 1936. Os anos 1960 e 1970 marcaram o fim da reverência à Família Real e o aumento dos ques-

tionamentos sobre a relevância da monarquia. Em 1992, a rainha teve seu próprio *annus horribilis* (ano terrível), que incluiu diversos problemas familiares; e em 1997, morria Diana, a princesa de Gales. Não foi uma época fácil, mas Andrew Marr está mais do que certo ao dizer que a monarquia saiu desses problemas mais forte do que nunca.

Aqui no Brasil, em março de 2012, pudemos perceber o impacto da visita de seu neto, o príncipe Harry — descrito por um ministro britânico que acompanhava sua comitiva como alguém que “vale mais que mil políticos”. Ele fez o que os membros da Família Real fazem de melhor: demonstrou apoio a empresas britânicas, apresentando nossa cooperação com outros países de maneira positiva, com um toque de elementos pessoais e familiares — tudo isso evidenciado pelo brilho originado por seu *status* de celebridade. Da mesma maneira, o príncipe de Gales atraiu um público entusiasmado e de alto nível quando visitou o Brasil em 2009.

Desde 1952, um papel importante da rainha tem sido ajudar a administrar a transição para a independência de diversos países ao redor do mundo e a formação e o desenvolvimento da *Commonwealth*, uma associação livre e igualitária de 54 países, que agora também inclui Moçambique, um país lusófono. Ela chefia a organização e é fortemente comprometida com seus ideais. Ela também é chefe de Estado de quatorze países além do Reino Unido, o que diferencia bastante a monarquia britânica de suas homólogas europeias. Esses quatorze países têm a liberdade de optar por outros sistemas de governo se assim desejarem, e alguns talvez façam isso no futuro. O fato de terem mantido seus vínculos com a coroa britânica muito depois de se tornarem independentes é um símbolo do grande respeito que possuem pela rainha.

Como diplomata britânico, tive a oportunidade de ver o enorme impacto de suas visitas ao redor do mundo — a Jordânia, Alemanha, Estados Unidos e Brasil (embora isso tenha ocorrido

em 1968, muitas pessoas ainda se lembram da ocasião). Parece haver certa magia atrelada à figura da rainha, bem como uma sensação de felicidade que ela traz consigo. Sua visita em 2007 a Jamestown, no estado norte-americano da Virgínia, para marcar o 400º aniversário desse assentamento britânico, refletiu outra visita que fez à mesma cidade cinquenta anos antes. Ela demonstrou, com seu jeito despretensioso e discreto, quanto o Reino Unido e os estados do sul dos Estados Unidos avançaram a partir de então. A cobertura da visita na mídia foi simplesmente enorme.

Imagino que, para a rainha, a visita à República da Irlanda em 2011 tenha sido a mais significativa de todas as suas idas ao exterior. Ela já desejava fazer isso há vários anos, mas apenas recentemente a visita tornou-se politicamente possível, após o Reino Unido e a República da Irlanda terem superado séculos de dificuldades históricas e desenvolverem uma relação de respeito mútuo e cooperação, inclusive em relação aos problemas na Irlanda do Norte. A importância dessa visita para britânicos e irlandeses foi enorme. A visita de um presidente ou primeiro-ministro é uma coisa; mas a visita de uma monarca que reina há sessenta anos, que simboliza e representa o povo britânico e cujos ancestrais também foram monarcas da Irlanda, é muito mais importante. De certa forma, isso responde parcialmente à pergunta de Andrew Marr sobre a diferença entre ter um monarca e um presidente.

Para os embaixadores britânicos ao redor do mundo, a rainha e a Família Real são recursos excelentes para apoiar nossa diplomacia.

Andrew Marr nos diz que a distinção entre Estado e Governo é um fundamento essencial da liberdade. Governos recebem mandatos de curto prazo de seu povo. O Estado, por outro lado, está acima de interesses setoriais, é um repositório da identidade nacional e representa o longo prazo. No caso do Reino Unido, nosso desenvolvimento milenar foi orgânico e evolucionário. Nunca tivemos uma constituição escrita, mas, ao longo de nossa história,

adotamos uma série de diferentes dispositivos legais e políticos. A monarquia prosseguiu sem rupturas por todo esse tempo, com a exceção de um curto período de doze anos no século XVII. Todavia, a monarquia também precisou mudar para sobreviver.

Ao celebrarmos o Jubileu de Diamante de nossa rainha, podemos olhar para trás e perceber quanto a monarquia mudou ao longo dos últimos sessenta anos. Percebemos, também, que ela nunca esteve melhor. De fato, teremos muita sorte se a rainha Elizabeth II puder continuar conosco por um bom tempo.

A handwritten signature in black ink, reading "Alan Charlton". The signature is fluid and cursive, with the first name "Alan" written in a larger, more prominent script than the last name "Charlton".

Alan Charlton
Embaixador Britânico no Brasil

A REAL ELIZABETH

PRÓLOGO



O que faz a rainha

“Em momento algum ela deixa de ser... a rainha.”

Uma amiga

“Muita bobagem é dita sobre quão desagradável é o seu dia a dia. Repito: bobagem! Eu acho que ela adora a vida que leva.”

Líder político

“Eu gostaria de adverti-la, com pesar, de que não tente encontrar razão ou explicação para tudo... Tentar encontrar uma razão para tudo é muito perigoso e não lhe trará nada além de desapontamento e insatisfação, desestabilizando sua mente e, ao final, fazendo-a sentir-se infeliz.”

Rainha Vitória, para uma neta, 1883

“Bem... ela sabe o que está acontecendo. Ela tem um bom faro para histórias. Daria uma ótima jornalista.”

Antigo membro da Casa Real, quando perguntado pelo autor por que sentia falta da rainha, 2011

Ela é uma mulher miúda com um rosto universal, um sorriso irresistível — quando está com disposição para tal — e uma história milenar atrás de si. Reina num mundo que praticamente deixou a monarquia para trás, e ainda assim, o resultado de seu reinado é tal que dois terços dos britânicos acreditam que seu regime será o mesmo daqui a um século. Ela é irônica e perspicaz, e tem uma vocação. Pode ser uma fonte inesgotável de comentários secos, embora pareça livre de cinismo.

E lá está ela, em maio de 2011, vestida de verde-esmeralda, chegando para sua primeira visita à República da Irlanda. Aos 85 anos, faz um dos discursos politicamente mais importantes de sua vida. “É uma realidade triste e lamentável que, ao longo de nossa história, nossas ilhas tenham passado por mais do que seu quinhão de sofrimento, turbulência e perda. Esses eventos tocaram a muitos de nós pessoalmente... A todos aqueles que sofreram as consequências de um passado adverso, eu estendo meus sinceros sentimentos e meu profundo pesar.” Essa é uma viagem de cunho muito emocional, que evoca o assassinato de seu parente lorde Mountbatten pelo IRA, em 1979, e foca a visita ao Parque Croke, o estádio e sede da Associação Gaélica de Atletismo, onde, em 1920, catorze pessoas inocentes foram assassinadas a tiros por policiais e auxiliares leais à Coroa — mais especificamente ao avô da atual rainha — no início da sangrenta disputa da Irlanda por independência.

Essa viagem demorou a acontecer e chefes de segurança de ambos os lados do mar da Irlanda estavam pálidos de preocupação. Mesmo tendo sido anunciada com bastante antecedência, a rainha não cancelou a visita. E a vasta maioria do povo irlandês acolheu bem sua vinda; a rainha até trocou apertos de mão com um representante do Sinn Féin, o partido radical republicano e que já foi o braço político do IRA. Assim, essa foi uma pequena, mas significativa página da história que foi virada, reconhecendo que, em 2011, o que importa para os povos irlandês e britânico

são suas famílias em comum, seus negócios, suas conexões emocionais e esportivas, e não o passado sangrento. A rainha deixou claro para o primeiro-ministro irlandês Enda Kenny que essa era uma visita que ela esperou por muito tempo da sua vida para fazer, o que ela chama de “o encerramento de um ciclo”. Em local reservado, ela sentou-se sob um quadro retratando o líder militar irlandês Michael Collins. Diante do público, abaixou a cabeça em memória dos rebeldes irlandeses que morreram lutando contra a Coroa.

Ninguém mais da Grã-Bretanha teria feito uma visita como essa, de reconciliação, tão pública, coberta por mais de mil jornalistas e divulgada em todo o mundo. Nenhum político britânico serviu por tempo suficiente, ou foi tão afetado pessoalmente, ou teria legitimidade para falar em nome de todos os britânicos. A presidente da Irlanda, Mary McAleese, é uma sumidade, a segunda mulher a servir ao cargo. Mas nenhum bretão além da rainha tem autoridade para representar os britânicos.

Lá está ela, novamente, alguns dias mais tarde, recebendo o presidente Barack Obama para sua estada no Palácio de Buckingham. Sob a luz do sol e a brisa, com vista para o gramado, há pompa e circunstância, em um momento digno de registro em cartão-postal — um guarda da Cavalaria Real, soldados em marcha, gaitas de fole, hinos nacionais e o estampido das saudações da artilharia. Na véspera de sua viagem, em pronunciamento em Washington, Obama não mediu palavras ao se referir à rainha de forma lisonjeira, ainda que não tão politicamente correta, como “o melhor da Inglaterra”. Sua visita anterior fora maravilhosamente bem-sucedida. Ainda assim, a relação entre os dois líderes, de uma forma mais afável e pessoal, também tem a ver com amizade e reconciliação.

Quando Obama ganhou as eleições, algumas pessoas proeminentes de Londres ficaram inquietas. Ele era um homem que parecia indiferente à (exagerada) “relação especial” dos EUA com

a Grã-Bretanha. Não tinha compromettimentos pessoais — na verdade, somente um, que era infeliz e sobre o qual ele escreveu quando jovem. Seu avô foi preso, encarcerado e torturado quando vivia na região onde é atualmente o Quênia. Os primeiros anos do reinado da rainha Elizabeth foram marcados por uma guerra brutal contra os nacionalistas e anticolonialistas do grupo Mau Mau. Obama é um político extraordinariamente profissional, e é pouco provável que deixe sua história pessoal influenciar suas decisões, mas o mal-estar existia. Quando os festejos da cerimônia terminaram, a rainha fez o que pôde para que Obama e sua esposa, Michelle, se sentissem acolhidos, levando-os pessoalmente ao quarto em que iriam se hospedar.

No palácio havia uma arguta seleção de *memorabilia* dos Arquivos Reais — como sempre ocorre quando há uma visita de Estado. Havia uma nota escrita pelo rei George III, de cerca de 1780, lamentando: “A América está perdida! Devemos sucumbir ao golpe?”, mas que continuava especulando sobre o futuro do comércio e das relações de amizade entre esses países. Havia cartas de Lincoln, herói de Obama, e da rainha Vitória para a viúva de Lincoln, bem como páginas do diário da rainha Vitória demonstrando seu pesar pelos escravos negros e registrando seu contentamento ao encontrar um deles, Josiah Henson, que ela disse ter “resistido a grande sofrimento e crueldade” antes de escapar para a colônia britânica do Canadá. Registros de uma visita do então príncipe de Gales à cidade de origem de Obama em 1860 também estavam lá, e uma nota manuscrita pela rainha-mãe e a então princesa Elizabeth registrando sua visita ao presidente Roosevelt, em 1939, quando comeram sob uma árvore e “com toda a comida num prato só... um pouco de presunto, alface, feijão e CACHORRO-QUENTE também!”. A imagem pode ter sido de aconchego, mas era um lembrete para as alianças de guerra vitais que se seguiram após a visita internacional mais importante do rei George VI. Por fim, havia uma bandeira do Havaí, local de nascimento de Obama.

Essa coleção de itens de arquivo continha, em essência, uma justificativa para a monarquia. A rainha ocupa um papel institucional, mas que é pessoal também. Por rememorar a independência dos Estados Unidos e a história da escravidão e por referir-se a lugares de interesse pessoal para Obama, a coleção de objetos procurava criar um vínculo emocional — para localizar pontos de contato (em retribuição, Obama presenteou a rainha com um álbum de fotos da visita dos pais dela aos Estados Unidos às vésperas da guerra). Mais tarde, durante essa visita, o presidente teria conversas importantes e possivelmente delicadas com o primeiro-ministro David Cameron a respeito da Líbia, do Afeganistão e de suas abordagens econômicas divergentes, e a expectativa era de que sua visita à rainha o deixasse com o melhor humor possível. Assim como no caso da visita à Irlanda, ninguém mais poderia cumprir esse papel. Também é preciso que se diga, no entanto, que a rainha só pode exercer bem sua função porque tantas outras pessoas (como a diretora da Biblioteca Real, a Exma. *lady* Roberts) trabalham com muito afincamento nos bastidores, à revelia do público. Este livro conta a história dessas pessoas também.

Mas é, primeiramente, a história dela. O melhor antídoto contra a indiferença ou hostilidade com relação à rainha Elizabeth II é acompanhá-la em sua rotina por alguns meses. De missões internacionais dedicadas ao comércio a visitas a cidadezinhas e hospitais, ela suporta uma rotina surpreendentemente cansativa, que inclui desde solenidades até viagens curtas e de ritmo acelerado para encontrar soldados, empresários, voluntários e qualquer outro grupo de cidadãos que se possa imaginar. Isso toma tardes inteiras, em que, em um palácio ou em outro, milhares de pessoas foram convidadas a serem “honradas” por seu trabalho ou generosidade. Envolve a leitura paciente de caixas enormes de documentos importantes, que jorram dos governos que trabalham em seu nome. Na Whitehall Street, centro do governo britâ-

nico onde é feita a maior parte do serviço secreto de inteligência inicial, a rainha é simplesmente a “Leitora nº 1”.

Sua vida tem sido expor-se. Mas essa exposição não deve ser considerada ingenuamente. A rainha tem um campo de força em sua aura que poucos políticos conseguem sustentar atualmente. Uma aparição da monarca britânica cria uma atmosfera de expectativa e excitação, um leve, mas incontível tremor. Quando ela surge, as pessoas sentem seus batimentos cardíacos aumentarem, não importa o quanto tentem tratá-la apenas como uma mulher como qualquer outra. De alguma forma, apesar de estar em toda a parte — em boletins noticiosos, selos e primeiras páginas —, ela tem conseguido se manter misteriosa. Sua expressão passa de aparentemente mal-humorada a radiante, oscilando entre as duas. Seus olhos perscrutam atentamente os arredores. Ela faz poucas concessões.

Depois da turbulência de crises familiares e controvérsias públicas, a rainha agora navega em águas mais calmas. A realeza britânica alcançou uma popularidade surpreendente ao redor do mundo. Assistiu com grande interesse e alguma satisfação a um filme recente, estrelado por Colin Firth, sobre a peleja de seu pai contra a gagueira e o homem que o ajudou, o australiano Lionel Logue, de quem ela tem uma memória vívida. Ela mesma foi o tema de um filme campeão de bilheteria estrelado por Helen Mirren. Sua ancestral ilustre, Elizabeth I, foi representada por Judi Dench em um filme sobre Shakespeare. Todos esses atores ganharam o Oscar, como observa sarcasticamente um dos filhos da rainha.

A rainha não é uma atriz, mas a popularidade da monarquia deve muito à sua atuação. A vida a levou aos quatro cantos do mundo diversas vezes, apresentou-a a líderes de todos os tipos, dos heroicos aos monstruosos; e a mares de rostos dramáticos; e a florestas de mãos acenando. Desde muito pequena, já conhecia seu destino. Apesar de tímida, ela considera uma vocação ser rainha, um chamado do qual não se pode escapar.

Como qualquer pessoa de 85 anos, ela passou por privações e sofreu desapontamentos, assim como desfrutou o sucesso. Ela sofreu a morte do rei, da rainha e de princesas — seu pai, sua mãe, sua irmã e a inesquecível Diana —, bem como a de amigos próximos. Ela deu à luz a quatro filhos e viu três deles se divorciarem. Mas ainda pode se sentir satisfeita. Ela conhece sua dinastia que, ao contrário de muitas outras, quase que certamente sobreviverá. Seus herdeiros e os herdeiros de seus herdeiros estão à espera. Com ela, e com seu tipo de monarquia, a maioria de sua gente está contente.

Aqueles que se lembram dela como uma menininha de cabelos cacheados são agora um desfalcado pelotão. Em 12 de maio de 2011 ela se tornou a monarca com o segundo reinado mais longo da história britânica, tendo reinado por 21.645 dias, batendo o rei George III. Em setembro de 2015, se ainda estiver viva, superará até mesmo o recorde da rainha Vitória. Seu marido, atualmente com noventa anos, ainda tem o olhar aguçado e o jeito desconfiado de um homem de alta classe à deriva num mundo de progressistas e liberais. Ele poderia ter ido mais longe. No entanto, escolheu passar sua vida como “cônjuge, súdito e seguidor”.

A vida do duque de Edimburgo e a vida da rainha têm sido vividas em conjunção, passando por um ciclo anual de rituais e tradições, oscilando de palácio em palácio, conforme as estações do ano mudam. Ambos se aprontam, com frequência várias vezes ao dia, para almoços, inaugurações, discursos, paradas militares, emposses e jantares. As manhãs da rainha começam da mesma forma como começaram por quase toda a sua vida, com as notícias da rádio BBC, chá Earl Grey, os jornais *The Racing Post* e *Daily Telegraph* e torradas, saboreadas com seu marido enquanto aprecia a música (que algumas pessoas chamariam de barulho) de seu tocador particular de gaita de fole passando pelo jardim. Perto dela estão os últimos membros realmente perigosos do sis-

tema monárquico britânico, os cães da rainha — quatro *corgis* e três *dorgis* (um cruzamento de bassê com *corgi*).

Uma equipe discreta e protetora de funcionários que ela chama pelo nome vai e vem. Uma página impressa com os compromissos do dia a espera; em breve, a primeira das caixas vermelhas de papéis oficiais, contendo desde indicações de pequenos afazeres a relatórios alarmantes do serviço secreto, chegará. A rainha talvez faça uma visita ao andar superior, domínio de Angela Kelly, sua assistente pessoal e quem a veste, cujos aposentos ficam no final de um corredor estreito, bem próximo ao teto do Palácio de Buckingham. Nascida em Liverpool, Angela é genial e sensata, e uma das pessoas mais próximas da rainha, depois da família. Trabalha com peças enormes de tecido, manequins e tesouras para criar muitas das vestimentas da rainha. Antes de viagens internacionais ou de visitas locais mais longas, ela planeja com a rainha os vestidos, chapéus, bolsas e sapatos que irão na bagagem. Outros estilistas são trazidos de tempos em tempos (uma delas, escocesa, insistiu em tomar todas as medidas da rainha. À medida que a pobre se contorcia nervosamente com a fita métrica, Elizabeth exclamou: “Estica a perna! Estica o braço! Estica a perna!” — e riu). No andar de baixo, Angela aguarda a chegada das malas de couro e dos baús antigos a serem usados na viagem real, cada um estampado simplesmente com os dizeres: “A rainha”. Já foram muito usados; a monarca não é entusiasta do consumismo.

Em seu escritório, o conteúdo de várias caixas oficiais é separado por seu secretário particular e levado para ser analisado. A rainha lê esses documentos sozinha; o duque mantém uma distância cuidadosa e constitucional de algumas partes de sua vida, embora cuide das propriedades e seja um nonagenário muito ativo, que ainda circula pelo tráfego de Londres ao volante de seu táxi, deliciosamente anônimo. Como qualquer pessoa que tenha seguido uma rotina por tantos anos — a rainha é agora a

monarca mais longeva da história de seu país —, ela espera ter uma surpresa hoje, ainda que pequena. Quando o dia começa, ela certamente cogita: “E agora? O que acontecerá hoje?”

O TRABALHO

Hoje a rainha se vestirá e sairá para fazer seu trabalho. Angela Kelly terá escolhido roupas que, assim elas esperam, farão com que se destaque no meio da multidão e que sejam adequadas para quaisquer que sejam suas obrigações ao longo da jornada que a espera. Durante certas épocas do ano, obviamente, a rainha não trabalha. Há finais de semana tranquilos com a família e longas férias de verão, em geral passadas em Balmoral, na Escócia. Afora isso, no entanto, as expectativas das pessoas — servidores públicos e políticos, turistas, presidentes e a multidão que passa — são tão grandes que seus afazeres nunca terminam.

Como chefe de Estado, a rainha Elizabeth é um símbolo vivo para várias nações, acima de tudo o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, mas também para outras quinze, incluindo a Austrália, o Canadá, a Nova Zelândia e países menores como Tuvalu. Ela é diferente da maioria dos outros monarcas constitucionais. Diferentemente de outros países, a Grã-Bretanha não tem uma constituição única, ou qualquer outro documento de fundação. Cerca de um terço da constituição holandesa foi elaborado para determinar quais são as funções do monarca. O rei da Espanha é parte de uma das cortes mais antigas e grandiosas da Europa, a dos Bourbons, e seu trabalho e atribuições também estão bem delimitados por um texto cuidadoso na constituição espanhola.

A autoridade da rainha britânica é mais como um ruflar discreto de dias remotos, ainda ressonante e misterioso. Ela representa o Estado — na verdade, de alguma forma, pelo menos em teoria, ela é o Estado. É a representante viva de uma estrutura

de poder que se desdobrou para proteger e sustentar cerca de 62 milhões de pessoas, e outros 72 milhões em seus outros “reinos”.

Ela não é um símbolo do povo. Como ela poderia, ou qualquer outra pessoa, representar os incontáveis milhões advindos de tantos grupos étnicos e religiosos diferentes, com suas visões políticas, preferências e idades diversas? Seu entusiasmo pela *Commonwealth of Nations* (Comunidade de Nações), que não é bem quista por muitos dos políticos britânicos, tornou-a mais interessada na vida dos novos britânicos negros e asiáticos do que a maioria das pessoas poderia imaginar. As festas no Palácio de Buckingham em geral são mais diversificadas social e etnicamente do que as da Downing Street (onde fica a residência oficial do primeiro-ministro), ou da cidade como um todo. A rainha fica mais à vontade e sorridente quando está com pessoas jovens. Quem a assiste em ocasiões oficiais vê que os jantares grandiosos e os discursos são tarefas aborrecidas para ela.

Ainda assim, gostando ou não, ela é o símbolo da autoridade que conduz os servidores do Estado e as leis — as eleições, as forças armadas, os juízes e os tratados que, juntos, tornam a vida moderna possível. Por sessenta anos ela tem vindo a público para abrir as sessões de seu parlamento, para relembrar os mortos de guerra da nação, para passar suas tropas em revista e para participar das cerimônias em sua igreja. A “Grã-Bretanha” não pode ir à República da Irlanda para enfim curar uma ferida política que data do início da luta da Irlanda por independência, nos anos 1920, mas a rainha pode. A “Grã-Bretanha” não pode dar as boas-vindas ao papa ou a um presidente. Ela pode.

Ela tem grande autoridade e nenhum poder. Ela é um paradoxo bem-vestido e pontual. Ela é a imperadora que não impera sobre seus súditos, mas que os serve. O significado secular da monarquia foi invertido; parte do propósito deste livro é explicar como e por que isso aconteceu. A monarquia constitucional moderna não significa sujeição, a mão forte controlando uma nação

em desordem. Em vez disso, oferece uma visão de liberdade. A Coroa não é o governo. Há um espaço pequeno e essencial entre ela e a autoridade dos ministros no dia a dia. Seria indelicado dizer que aqueles que governam são os ocupantes ilegais do Estado — já que os governos vêm de parlamentos que são eleitos e, em última análise, são os bastiões da liberdade. No entanto, governos são hóspedes do Estado. São bem-vindos por um tempo, mas não têm direitos adquiridos.

A rainha representa a continuidade. Essa pode ser uma palavra fraca, mas quando se pergunta o que a rainha de fato representa, “continuidade” é a palavra mais comumente usada por outros membros da família real, por primeiros-ministros, arcebispos e funcionários públicos experientes. O que eles querem dizer com isso? Não apenas a existência continuada do país ou do Estado. É fato que o Estado tem uma presença viva e valiosa antes e depois de cada governo. As pessoas olham para o passado e imaginam um futuro do qual não vão fazer parte: a monarquia transforma uma família real no símbolo vivo desse fato universal. Uma monarquia constitucional vai além. Alega representar os interesses das pessoas antes de elegerem seu governo, e depois que esse governo terminar. Uma monarquia constitucional tem memória. Olha para adiante, muito além da próxima eleição.

A distinção entre Estado e governo é um fundamento essencial da liberdade. Na Grã-Bretanha, um teatro de rituais foi construído para expressar essa distinção. Durante a abertura anual do parlamento, a rainha lê as palavras do primeiro-ministro, como um ventríloquo de seu governo. Ela fala, propositadamente, sem nenhuma ênfase ou emoção: ninguém deve ser capaz de ouvir seus sentimentos aflorando. Um ministro iniciante é mantido no Palácio de Buckingham para garantir a segurança dela e para enfatizar a separação entre a política e o Estado. Quando ela deixa Westminster, ele é solto (depois de um bom drinque) e a política do dia a dia tem início. O Estado e o governo se reuniram, troca-

ram um aperto de mão, e partiram em direções opostas. Outros países fazem uma distinção similar, expressando-a por meio de documentos ou presidentes eleitos sem poder algum; os britânicos dão preferência a ter uma pessoa, já faz muito tempo.

Na prática, o trabalho da rainha é um pouco mais duro do que parece. Quando os mais importantes líderes estrangeiros chegam para uma visita de Estado, a rainha os cumprimenta em nome do país com um sorriso e um aperto de mão usando luvas, e uma conversa amigável, mais uma vez planejada para nunca ofender. Ela oferece hospedagem e dá toda a atenção a pessoas que ela, reservadamente, pode até considerar abomináveis, ou meramente maçantes e desagradáveis. Os convidados dos palácios de Buckingham ou de Windsor serão conduzidos a seus aposentos pela rainha em pessoa. Com antecedência, ela inspecionará os quartos pessoalmente, para ter certeza de que livros adequados tenham sido deixados no criado-mudo, de que as flores estejam bonitas e de que tudo expresse as boas-vindas. Nos jantares de gala, ela conferirá a comida, as flores e o lugar escolhido para cada um: todos estão satisfeitos com o lugar onde vão sentar e se dão bem com os que estão à sua volta? Ela fará com que seus bibliotecários escarafunchem cartas, fotos ou imagens que possam ser de interesse particular para os convidados ou que os divirtam.

Quando estes chegarem e a conversa começar, ela deverá se lembrar de evitar qualquer coisa que possa trazer dor de cabeça para seus ministros. Um ex-secretário de Relações Exteriores, Douglas Hurda, a viu fazer tudo isso: “Ela tem uma técnica bem elaborada. Quando um chefe de Estado em visita, ou quem quer que seja, começa a falar de política, começa a explicar o que está acontecendo em seu país, ela diz: ‘Que interessante, Sr. Presidente... tenho certeza de que o secretário de Relações Exteriores teria muito prazer em conversar sobre isso com o senhor’. E o rumo do assunto é desviado. Os pontos mudam, e você é conduzido para outra direção”. Muitos falam de como a rainha usa um silêncio

polido para desviar problemas, e, quando se pergunta às pessoas o que conversaram com ela, em geral falam com entusiasmo de sua perspicácia e presença de espírito — e só conseguem lembrar-se do que disseram para ela. Esperta.

Algo parecido costuma acontecer em seus encontros semanais com o primeiro-ministro, os quais ocorreram uma dúzia de vezes até o momento. Embora esses encontros sejam totalmente privados (ninguém tomando notas, nenhum secretário, nenhum microfone), ex-premiês e servidores públicos falam deles como um tipo elevado de terapia, mais do que uma troca animada de opiniões. Por sessenta anos ela tem escutado o que quer que seja que seus primeiros-ministros têm a dizer — explicações, auto-justificativas, lamentações pessoais, algum comentário malicioso sobre seus rivais — sem deixar que eles saibam a favor de quem ela é, a não ser, em sentido mais amplo, que é a favor da continuidade da administração do país. *Sir* Gus O'Donnell, um secretário de gabinete que trabalhou com quatro primeiros-ministros — *sir* John Major, Tony Blair, Gordon Brown e, mais recentemente, David Cameron, disse: “Eles fazem de tudo para não perder esses encontros. É um espaço seguro em que primeiros-ministros e soberanos podem se reunir, ter aquele tipo de conversa que, acredito, não podem ter com ninguém mais no país... Eles saem melhor do que entraram, digamos assim”.

A rainha conhece praticamente todos os segredos de Estado dos últimos sessenta anos. Relata Gus O'Donnell, mais uma vez: “Damos à rainha as minutas das reuniões ministeriais, por exemplo, para que ela seja atualizada sobre as discussões e decisões que estão sendo tomadas. Ela recebe muito material em suas caixas vermelhas sobre o que o governo está, de fato, fazendo”. A rainha tem grande interesse por assuntos envolvendo a constituição — *sir* Gus destaca controvérsias recentes sobre a mudança da Grã-Bretanha para parlamentos de mandato fixo e o futuro da Câmara dos Lordes — e tudo que tenha a ver com os militares

britânicos. Ela trabalha duro, também, para dar apoio ao serviço público que, assim como ela, deve ser neutro, mas recebe muito pouco elogio do povo ou da imprensa. Em público, em seu programa de rádio de Natal e em muitos discursos, ela geralmente toma muito cuidado para se manter no terreno seguro das expressões generalizadas de bom augúrio, embora no Natal sempre fale sobre as questões do dia. Por década após década ela evitou armadilhas que poderiam ter colocado a monarquia em sério perigo. Ela cometeu erros, é claro — todos cometem. Mas, no geral, tem conduzido essa dança de discrição de forma tão magistral que muitas pessoas concluíram que ela mesma praticamente não tem personalidade — que é neutra, passiva, até mesmo insossa.

Ela não é. Tem boa memória e julgamento aguçado, é uma imitadora impiedosa e capaz de apartes ácidos. Tem sido muito franca sobre os escorregões de seus filhos. Tem observado de perto e descrito secamente as esquisitices de líderes estrangeiros e de políticos famosos. E tem feito isso ao mesmo tempo em que joga paciência à tarde no Castelo de Balmoral, ou com as pernas dobradas sobre si no sofá do iate real, com uma taça de uma boa bebida em mãos, ou andando por praias ou montanhas. Em sua intimidade, ela abraçou e riu; mostrou impaciência com preguiçosos e pessoas que comem devagar. Embora não goste de confrontos e tenha, com frequência, delegado essa função a seu marido, tem opiniões muito precisas sobre as pessoas. Mas seu trabalho exige que omita tudo isso. Outras pessoas, como celebridades e atores, são pagos para ter uma “personalidade”. A sua, ela precisa minimizar.

Isso não significa que a vida dela seja sem graça. “Somos uma fábrica de alegria”, cochicha uma das damas de companhia quando a rainha caminha em direção a mais uma fila de crianças gritando e acenando. Deve ser maravilhoso poder alegrar as pessoas sem ter de contar nenhuma piada ou história engraçada. Para ela, basta chegar, sorrir, cumprimentar com a cabeça e rece-

ber um ou dois buquês de flores. Ninguém que acompanhou essa senhora (agora já meio curvada por seus oitenta e tantos anos), enquanto ela visitou cidades pequenas, hotéis, catedrais e barracas militares no exterior, lançando olhares aguçados por toda a parte e observando as filas de pessoas sorridentes se acotovelando à sua espera, pode duvidar disso. Mas quem fabrica alegria também tem de lidar com muitas cerimônias, negociações religiosas e sociais, semana vem, semana vai (alguns diriam que em excesso, especialmente para uma mulher da idade dela).

A rainha está acima da igreja anglicana, a versão nacional adaptada dos preceitos de Roma, criada às pressas por seu ancestral Tudor, o pletórico e priápico rei Henrique VIII. Ela é chamada a “Defensora da Fé” e “Governadora Suprema da Igreja da Inglaterra”. O primeiro título é, tecnicamente, um tanto quanto absurdo, e já foi dado ao rei Henrique VIII pelo papa Leão X antes de ele se rebelar. Mas o último certamente tem valor: a rainha aponta bispos e arcebispos e leva seu papel de fonte da respeitabilidade anglicana muito a sério, mantendo uma comunicação formal com o sínodo geral e contato regular com seus líderes.

O atual arcebispo de Canterbury, Rowan Williams, diz que ela é formalmente a última corte de apelação, o lugar em que os argumentos terminam. É claro que, na prática, ela intervém em disputas sobre a ordenação de mulheres ou casamentos homossexuais tanto quanto o faz em disputas parlamentares. Mas, diz o arcebispo: “Ela acredita que tem certa responsabilidade de ficar de olho nos assuntos da igreja, de apoiá-la, de ficar do lado daqueles que a estão administrando, além de ser, ela mesma, uma cristã muito dedicada”. Ele diz ainda que ela ficou profundamente tocada ao receber um livro de orações de seu predecessor pouco depois de sua coroação, que ela ainda usa. Para ela, afirma Williams, a coroação era uma vocação, “não um privilégio, mas um chamado. Se tinha um alto preço, assim seria”. Como veremos, em muitos momentos o preço tem sido bem alto, de fato.

A rainha também é “atribuidora de honrarias”. Ela entrega medalhas, cruzes, títulos de cavalaria e condecorações, na maioria das vezes (mas nem sempre) seguindo o conselho de políticos, para aqueles que lhe são caros (algumas vezes, não tão merecedores). Cada entrega requer conversas, contato visual, alguma interação e tempo. Até o momento ela entregou 404.500 medalhas e títulos, participando de mais de 610 investidas (a cerimônia de honra em que se entrega a honraria) desde que subiu ao trono, em 1952.

Além disso, há as Forças Armadas. A rainha é chefe das Forças Armadas. É para a rainha que novos soldados, pilotos e marinheiros prestam juramento, e em seu nome brigam e morrem. Ela tem uma relação especial com certos regimentos — seu primeiro trabalho oficial foi de coronel-chefe, e o duque ainda o é — e normal com os demais. Esse papel requer ainda mais visitas e cerimônias. Ela também é padroeira de um grande número de instituições de caridade. Elas também disputam e requerem seu tempo, não raro para encorajar campanhas beneficentes. De tempos em tempos, a família real tenta reorganizar seu trabalho beneficente. Depois da morte da princesa Margaret, sua irmã, e da rainha-mãe, a família sentou-se à volta de uma mesa de cartas em Sandringham e dividiu o trabalho que deveria ser assumido. Descobriram que algumas instituições de caridade tinham um número um pouco excessivo de membros da realeza envolvidos, ao passo que outros não tinham nenhum, então concordaram em fazer uma redistribuição.

Há ainda o exterior. A rainha nunca se esquece de que é chefe da *Commonwealth*, um nome cunhado em 1949 para permitir que a Índia, que acabara de conquistar sua independência como República, não perdesse seu vínculo com a Grã-Bretanha. Essa responsabilidade a obriga a fazer muitas viagens, além das que ela já faz a seus outros reinos, bem como a outros destinos diplomáticos e de interesse comercial que seu governo solicita que

visite a cada ano. No Ministério das Relações Exteriores é criada uma lista de visitas de Estado e outras visitas que eles gostariam que ela fizesse, com a respectiva justificativa de qual localidade tem prioridade em termos de comércio, e qual líder seria beneficiado em especial se a rainha decidisse ir. Essa lista é enviada para o palácio e outras negociações têm início.

Essas viagens não são passeios. Elas envolvem muito planejamento, trocas sem-fim de vestidos, chapéus e, acima de tudo, horas a fio ouvindo, cumprimentando e sorrindo. Mais desafiantes que tudo, há os discursos. A rainha é uma pessoa tímida e quieta por natureza, que, até hoje, mesmo depois de todos esses anos, não se compraz em falar em público, seja num evento grandioso ou em um modesto. Um jornalista que a tem acompanhado por décadas disse: “Seja no Grande Salão do Povo ou na Associação de Escoteiras Mirins, ela sempre fica nervosa antes de um discurso. E depois, quando já terminou e recebeu muitos cumprimentos de felicitação e aplausos, então ela... fica realmente desinibida, porque se livrou. Nunca a vi se portar de forma diferente”. À medida que a rainha e o duque vão ficando mais velhos, acham essas visitas mais cansativas e desafiadoras. Até o momento, têm concordado em fazer viagens longas geralmente uma ou duas vezes por ano.

Para além de tudo isso, a rainha vê a monarquia como um tipo de amálgama nacional, fazendo visitas constantes por todo o país para que seja vista, para cumprimentar e agradecer às pessoas que são comumente ignoradas pelos poderosos e magnatas de Londres. Ela dá festas, almoços e organiza eventos de caridade no Palácio de Buckingham e no Palácio Real de Holyroodhouse, em Edimburgo. Em recepções temáticas especiais, ela honra um sem-fim de grupos disparatados — desde australianos que vivem na Grã-Bretanha, jovens performáticos e defensores de pessoas com necessidades especiais a grupos de atendimento emergencial. Esses eventos são meticulosamente planejados. A rainha se debruça sobre a lista de quem deve ser convidado e o porquê.

Planeja a noite e a coreografia e ainda consegue se lembrar do nome de muitos dos convidados. Apenas quem assiste ao contentamento de voluntários da terceira idade a quem ninguém mais pensaria em recrutar, ou ao esforço de jovens músicos, consegue entender os poderes silenciosos dessa quase que despercebida campanha monárquica.

Por fim, há cerimônias religiosas, jubileus e casamentos reais. Os jubileus são uma tradição inventada que permite à monarquia dominar, ainda que brevemente, a agenda lotada de notícias de um país cheio de acontecimentos, fazendo com que pessoas olhem para os seus últimos vinte e cinco, cinquenta ou sessenta anos, e então olhem, também, para seu futuro, numa pausa nacional para a reflexão. Os casamentos podem acabar bem ou não, mas a cerimônia permite que os admiradores mais fanáticos da realeza, e a muitos outros, “enlouqueçam” momentaneamente.

Espero que o leitor esteja, neste momento, sentindo-se ligeiramente cansado (e tenha em mente que eu sequer mencionei seus papéis adicionais de mãe, avó, esposa, tia, criadora de cavalos, administradora de fazendas e terras, empregadora e contadora geral que ela desempenha nos momentos de folga). A questão é que, para a maioria de nós, a rainha parece ter sempre estado lá. Tem feito seu trabalho tão bem que se tornou parte da ordem natural das coisas, assim como as estações do ano e o clima. Um dia, é claro, ela não estará mais lá. E quando esse dia chegar, haverá um abismo, um buraco real no centro da vida dos britânicos.

PARTE UM



Dinastia é destino: como a monarquia britânica se reinventou

Sua Majestade, a rainha, é apenas a quarta geração de uma dinastia relativamente nova. Se pusermos entre parênteses seu tio Edward VIII, cujo reinado durou menos de um ano, ela é a apenas a terceira Windsor. A monarquia britânica em si, no entanto, é uma das mais antigas do mundo: a rainha consegue identificar respingos de seu sangue em anglo-saxões hirsutos e senhores da guerra escoceses. De forma mais substancial, a linhagem hanoveriana se manteve como uma forte influência. Tanto ela quanto seu filho mais velho têm rostos que lembram monarcas do século XVIII, os primeiros e solenes George. Mas qualquer família pode se reinventar, inclusive as reais. A Casa de Windsor de hoje se criou há menos de um século, em 1917, distanciando-se dos hanoverianos e de suas conexões germânicas.

A antiga monarquia britânica — aquela da rainha Vitória, a fecunda rainha-imperatriz, e seu filho Edward, o estranho e astuto rei imperador — esteve no centro de uma rede dourada de realeza que se estendia por toda a Europa e a Rússia. A monarquia era um clube familiar, com acesso proibido aos demais. A porção britânica dessa rede tinha ligações bem próximas com as casas reais alemãs que remontavam ao século XVIII e aos hanoveria-

nos. Kaisers vieram tomar chá e desfilaram em paradas usando uniformes militares britânicos. Seus iates disputaram contra os de seus primos britânicos em Cowes, na Ilha de Wight. Havia uma certa desconfiança mútua, mas era mais disputa de família que uma questão política.

A proximidade fora simbolizada pela última visita que o rei George V e a rainha Mary fizeram à Alemanha antes da Primeira Guerra. Ao chegarem em Berlim para o casamento da filha do kaiser Guilherme II com seu primo, o duque de Brunswick-Luneburg, em maio de 1913, foram recebidos pela tia da rainha Mary, a grã-duquesa de Mecklenburg Strelitz — uma senhora inglesa muito idosa que permaneceu em sua propriedade no norte da Alemanha até 1916. Prosseguiram para encontrar o kaiser, o czar Nicolau II, da Rússia, e uma infinidade de primos e primas da dinastia que a família chamava simplesmente de “o bando real”. O “bando” notou a presença de filmadoras, ou o que chamava de “aqueles horríveis homens-cinema”, mas se sentiu em família, e suas conexões se mantiveram essenciais para o futuro do mundo civilizado.

George V tinha um carinho todo especial por seus parentes reais austro-húngaros e pelos numerosos príncipes e princesas alemães de sua família. *Sir* Frederick Ponsonby, secretário particular do rei, observou a respeito da visita: “Se o relacionamento é de fato benéfico para alguém, eu tenho minhas dúvidas. Nos dois países, a tensão é muito forte”; o biógrafo do rei George disse acertadamente que, com a aproximação da Primeira Guerra, “o rei George V nada mais era que um espectador angustiado e impotente”¹. Outros, à época, tomaram posições opostas, ou pelo menos fingiram, diplomaticamente: o embaixador britânico em Berlim, *sir* Edward Goschen, disse acreditar que a visita seria “de um bem duradouro”². De qualquer maneira, a rainha Mary passou uma ótima temporada em Berlim. Por outro lado, sofreu com uma visita a Paris no ano seguinte, prin-

principalmente porque a França para ela, acima de tudo, era uma república estrangeira, e não havia rostos familiares e amigáveis para lhe dar as boas-vindas.

Em 1917, entretanto, afundada na lama sangrenta da guerra, essas conexões da realeza pareciam mais propensas a estrangular a monarquia britânica do que a protegê-la. Os alemães tornaram-se malquistos na Grã-Bretanha; seus comércios foram destruídos; suas bandas de música, expulsas; até mesmo seus cães característicos foram mortos. Ser um monarca com ligações com a Alemanha tornou-se algo inconveniente. Sentimentos radicais e revolucionários crescentes por toda a Europa tornaram a monarquia impopular também. O rei George estava já bem informado dos perigos que os ideais socialistas revolucionários representavam para ele. De 1911 a 1912, a Grã-Bretanha enfrentou greves massivas e muita desordem. Às vezes parecia que estivadores deixariam Londres morrer à míngua, enquanto radicais do Partido Liberal se rebelavam contra o princípio aristocrático depois que a Câmara dos Lordes fez um corte em seu *People's Budget* [o “Orçamento do Povo” era a arrecadação por meio de impostos cobrados dos ricos e que se revertia em programas sociais]. Nas ruas, um senso de socialismo mais agressivo estava se disseminando, com os primeiros políticos do Partido Trabalhista britânico se definindo como antimonarquistas de uma forma que muitos não fariam nem hoje. O primeiro e muito amado líder do partido, Keir Hardie, era um republicano convicto e especialmente odiado pelo palácio. Apesar de ser um membro do parlamento, foi banido da lista de convidados para uma festa nos jardins do Castelo de Windsor por criticar a visita do rei Edward VII ao seu primo, o czar Nicolau II, em 1908. Mais tarde, descreveu George V como um “vagabundo de esquina... destituído de habilidades básicas”. O rei respondeu apenas chamando-o de “aquela besta”. Para os monarcas, mesmo antes do início da guerra, esses foram tempos instáveis.

O rei George teve sorte com seus conselheiros, especialmente um deles. A história de lorde Stamfordham começou de maneira divertida. Arthur Bigge, filho de um pastor de Northumberland, era um oficial da artilharia que lutou na Guerra Zulu de 1879, na África do Sul. Um de seus amigos era o filho do imperador francês deposto, Napoleão III, e quando esse jovem foi morto por um zulu, Bigge foi escolhido para mostrar à sua lastimosa mãe onde o fato se deu, e a visitar a rainha Vitória para contar-lhe a história. A rainha gostou tanto dele que o indicou imediatamente como seu secretário particular assistente. Passou o resto de sua vida trabalhando para a monarquia. Quando Edward VII se tornou rei, Bigge serviu ao filho do monarca, primeiramente duque da Cornualha, depois príncipe de Gales e, finalmente, rei George V, momento em que se tornou lorde Stamfordham. Exercia enorme influência sobre o rei, que certa vez disse achar difícil até mesmo escrever uma carta sem a sua ajuda.

No começo, todavia, Stamfordham não acertava a mão em tudo. Ele e o rei tinham visões instintivamente conservadoras demais, e durante a crise constitucional de 1910-1911, Stamfordham aconselhou-o a enfrentar o primeiro-ministro liberal Herbert Asquith. Os liberais eram ameaçados pela Câmara dos Lordes, dominada pelos conservadores, que estavam bloqueando o radical Orçamento do Povo. Asquith tinha uma promessa de Edward VII de permitir uma avalanche de títulos de nobreza a colegas liberais como último recurso para aumentar sua participação na câmara alta. O recém-coroadado George V odiou a ideia instintivamente, que lhe pareceu um acinte à noção de aristocracia. Se tivesse seguido seus instintos e apoiado a nobreza em vez do governo eleito, teria forçado uma eleição geral imediata que seria vista apenas como parte de seu direito de monarca em interferir na política — precisamente ao que sua neta, durante todo o seu reinado, se dedicou cuidadosamente em evitar.

Olhando quase um século atrás, o que hoje imaginamos como a Grã-Bretanha “eduardiana” coberta de ouro era, na verdade, uma nação cheia de rivalidades e agitações, plena de pensamentos revolucionários e confrontação física. Os liberais, ainda que mais moderados que os trabalhistas e os socialistas ascendentes, estavam convencidos de que Stamfordham, sentado no centro do Estado imperial, era um inimigo implacável. Os sentimentos se exaltaram. O então chanceler liberal e mais tarde primeiro-ministro, Lloyd George, tinha tanta aversão por Stamfordham que, quando ele vinha para reuniões na Downing Street durante a guerra, o fazia esperar do lado de fora, sentado numa desconfortável cadeirinha de madeira.

Mas Stamfordham aprendeu com seus erros. Mais tarde, o rei George disse que ele fora o homem que o ensinara a ser rei. Ele fez isso dizendo a verdade aos poderosos — e ouvindo. Stamfordham era um homem seco e difícil, mas tinha orgulho de sua honestidade, e particularmente de dizer ao seu rei os fatos, não importava o quão alarmantes pudessem ser. Nos anos que precederam a Primeira Guerra Mundial, ele trabalhou duro para transformar o lobo do mar e provinciano rei em um líder nacional com consciência política. Quando a guerra começou, e durante os primeiros duros anos, George V tinha se tornado um ponto de convergência vívido e popular.

Na primavera de 1917, as verdades trazidas ao rei por seu conselheiro pareciam extremamente alarmantes. A guerra ia de mal a pior. Havia greves e reclamações crescentes de que o rei era mais próximo de seu primo alemão, o odiado kaiser, do que de sua própria gente. Isso não era verdade de forma alguma, mas George V de fato cometeu alguns erros graves. Ele se opôs a destituir o kaiser e sua família de seus comandos honorários de regimentos britânicos e títulos na Cavalaria, sem mencionar que suas flâmulas continuavam dependuradas na Capela de St. George, em Windsor. Solidariedade real e hierarquia de longa data aparentemente fizeram a

diferença, mesmo em meio aos espasmos de um conflito industrial. No início da Guerra, o rei George tinha ficado furioso com uma campanha contra o almirante príncipe Louis de Battenberg, nascido na Alemanha, mas casado com uma das netas da rainha Vitória e então primeiro lorde do almirantado britânico. Battenberg teve de abandonar o cargo, para desespero de seu filho, um cadete naval que escreveu para sua mãe sobre os rumores de que “papai é, na verdade, um espião alemão... Passei por uns maus bocados por causa disso” (esse garoto cresceu e se tornou o lorde Louis Mountbatten, uma das figuras mais influentes na vida de Elizabeth II).

Esses recuos instintivos contra os desenfreados sentimentos antialemães da Grã-Bretanha dos tempos de guerra tinham permitido aos críticos do rei pintá-lo como alguém não totalmente patriótico. Lloyd George, convocado ao Palácio de Buckingham em janeiro de 1915, pensou em voz alta: “O que meu amiguinho alemão tem para me dizer?”. As anfitriãs londrinas faziam piada sobre os trejeitos hanoverianos da corte. Agitadores de plantão advertiam sobre “os alemães” do palácio. Na verdade, George foi um monarca exemplar nos tempos da guerra, fazendo centenas de visitas às tropas e cortando drasticamente o orçamento e o estilo de vida da corte enquanto o país sofria. Ele até deixou de beber quando Lloyd George lhe pediu, para servir de exemplo aos beberrões (exemplo que, diga-se de passagem, o próprio Lloyd não seguiu). Mas o burburinho se multiplicou e se tornou mais barulhento. Em 31 de março de 1917, houve um comício no Albert Hall encabeçado por um dos grandes heróis do Partido Trabalhista, George Lansbury, para celebrar a queda do czar Nicolau II, com muita falação contra a monarquia em geral. Na época, os censores governamentais de guerra mantinham notícias desse tipo fora dos jornais, mas o rei George tinha testemunhas oculares para lhe contar o que fora dito.

Stamfordham se dedicou com afincos a conseguir o máximo de informação possível para repassar ao rei. Quando Ramsay

MacDonald, mais tarde primeiro-ministro pelo Partido Trabalhista, convocou uma convenção a ser realizada em Leeds, “para fazer pela Grã-Bretanha o que a revolução russa fez pela Rússia”, ou quando o dirigente sindical Robert Williams requisitou que uma faixa de “aluga-se” fosse dependurada na fachada do Palácio de Buckingham, o rei George foi informado. Stamfordham disse mais tarde: “Não há jornal socialista ou faixa difamatória que não seja lida, anotada e mostrada ao rei se contiver qualquer crítica, construtiva ou não, à Sua Majestade e à família real”³.

Em abril de 1917, o escritor H. G. Wells escreveu ao jornal *The Times* clamando pelo estabelecimento de sociedades republicanas; também foi reportado ter reclamado que a Inglaterra sofria com uma corte estrangeira e pouco inspiradora, ao que George respondeu com a famosa frase: “Eu posso não ser inspirador, mas estou condenado se for estrangeiro”. Henry Hyndman, o excêntrico editor de cartola do jornal marxista *Justice*, argumentou que a família real era “essencialmente alemã” e exigiu uma república britânica. No outro prato da balança política, o editor da revista *The Spectator*, John St. Loe Strachey, disse a Stamfordham que havia uma disseminação de sentimentos republicanos entre os mineiros que “sentem que os reis se manterão unidos”, e que havia um “sindicato dos reis”⁴. Lady Maud Warrender disse que, quando o rei George ficou sabendo que as pessoas estavam dizendo à boca miúda que ele deveria ser a favor dos alemães porque sua família tinha sobrenomes germânicos, “levantou-se e ficou muito pálido”. Wells voltou ao ataque, desta vez no jornal *Penny Pictorial*, incitando a monarquia a dissociar seu destino “do inevitável colapso do sistema dinástico teutônico no continente europeu... não queremos nenhum ex-monarca alemão aqui”. O arquivo do palácio intitulado “Tumultos no País” começou a ficar cada vez mais volumoso.

Mais de noventa anos depois, pode parecer que tudo não passava de pura histeria, e que George e seus conselheiros esta-

vam errados em levar tudo isso a sério. Revistas pequenas, conversas escutadas nos campos de mineração, autores em busca de publicidade — tudo isso estaria contribuindo, de fato, para o começo do declínio da monarquia britânica? A verdade é que, em 1917, a sociedade britânica chegou ao seu ponto máximo de tensão. As pessoas estavam dispostas a acreditar nas mais mirabolantes histórias sobre confabulações com os alemães e redes secretas de chantagem, sobre escândalos sexuais envolvendo a própria corte. Os exércitos na França foram derrotados e o fundo do Oceano Atlântico transformou-se num cemitério de navios de abastecimento. A Rússia fora invadida, a Alemanha estava próxima e havia uma crescente insurgência nas fábricas britânicas. Na Grã-Bretanha, o líder-chave durante a guerra não era o rei, mas o seu maior crítico, Lloyd George, que logo foi aclamado como “o homem que ganhou a guerra”. A aristocracia, que sempre apoiara a monarquia, estava rendida; seus filhos, mortos ou aleijados; suas propriedades, arruinadas financeiramente. A monarquia, ao que parecia, tinha poucos amigos poderosos. Por fim, George V decidiu que, se a monarquia fosse sobreviver na Grã-Bretanha, deveria passar por uma reforma radical.

Aconselhado por Stamfordham, o rei George fez uma série de mudanças que tiveram uma enorme influência no reinado da rainha Elizabeth II. A primeira e mais notória foi mudar seu nome — e o nome de sua dinastia. “Saxe-Coburgo-Gota” era não somente pomposo, mas muito obviamente alemão. Tinha de ser descartado. Curiosamente, George não sabia qual poderia ser seu sobrenome original: perdera-se nos confusos emaranhados das linhagens monárquicas e hifenações descontroladas. O Conselho Real de Heráldica foi consultado. Disseram ao rei que seu sobrenome não era Stewart. Talvez fosse Guelph. Mais provavelmente era Wipper ou Wettin, nenhum dos quais, infelizmente, era muito britânico. Então se passou a buscar um sobrenome inventado. Tudor-Stewart, Plantagenet,

York e Lancaster foram todos discutidos, mas descartados, bem como os óbvios demais como “England” (Inglaterra), que muito dificilmente agradaria a escoceses, irlandeses ou galeses. Sugestões mais obscuras incluíam D’Este e Fitzroy. O astuto lorde Stamfordham revisitou o nome do lugar onde ficava o palácio favorito do rei e sugeriu “Windsor”. O nome não só soava bem, como descobriu-se depois que o rei Edward III o usara certa vez, então havia até uma tênue justificativa histórica.

Assim, em 17 de julho de 1917, a dinastia Windsor nasceu. George V declarou e anunciou: “Nós, para Nosso próprio bem e para o bem de Nossos descendentes... renunciamos e ordenamos a descontinuação do uso das graduações, estilos, dignidades, títulos e honrarias de duques e duquesas da Saxônia e príncipes e princesas de Saxe-Coburgo-Gota, e todas as demais graduações alemãs”. Uma cascata de mudança de sobrenomes se seguiu, confundindo muita gente até hoje sobre quem era realmente o quê. Havia os Teck, por exemplo. A esposa de George V, rainha Mary, ou May, era a filha de Francis, duque de Teck, que se casara com uma das netas de George III, Mary Adelaide, famosa por ser aviltada e conhecida na família como “Maria gorda” — foi descrita, de forma memorável, como sendo semelhante a um “grande alfineteiro roxo de pelúcia”. Assim, os agregados de George V incluíram uma infinidade de Teck, e para quem não adotou Teck, nomes de lugares pomposos estavam em alta. Um dos irmãos da rainha Mary tornou-se o marquês de Cambridge; outro, o conde de Athlone. Similarmente, os Battenberg — descendentes da rainha Vitória e dos príncipes de Hesse, e vinculados à família do czar — tornaram-se os Mountbatten, um renomeado marquês de Milford Haven e o outro, marquês de Carisbrooke. Qualquer referência à Alemanha foi sumariamente apagada.

Menos divulgado, mas mais importante que a troca de nomes, foi um pronunciamento feito pelo rei George V e pela rainha

Mary, em que afirmaram (nas palavras do rei em seu diário): “Decidimos, há algum tempo, que nossos filhos terão permissão para casar-se com famílias britânicas. É um momento que poderíamos chamar de histórico”⁵. A própria rainha Vitória observou que os hábitos maritais dinásticos de sua família causavam “problemas e ansiedades que não tinham serventia”, quando os países da Europa entraram em guerra uns contra os outros: “Todo o sentimento de união familiar se espatifou, e nos tornamos impotentes”⁶. Assim, o instinto da rainha Vitória de que sangue “novo” — e ela se referia aqui ao sangue de famílias britânicas plebeias — fortaleceria o trono moral e fisicamente tornou-se medida implementada.

Com efeito, a monarquia britânica estava se nacionalizando. O bispo de Chelmsford, uma figura influente, havia dito a Stamfordham que “a estabilidade do trono se fortaleceria se o príncipe de Gales se casasse com uma moça inglesa... Ela deve ser inteligente e, acima de tudo, muito simpática”. Um pouco mais tarde, outro clérigo, Clifford Woodward, o monsenhor de Southwark, disse a Stamfordham que o príncipe de Gales deveria viver por um ano ou dois em alguma cidade industrial, talvez Sheffield, e casar-se com uma inglesa, preferencialmente “de uma família que tenha se destacado durante a guerra”⁷. Embora “David”, o príncipe de Gales, tenha seguido um caminho bem diferente mais tarde, os anúncios do rei sobre sua nova regra, em 1917, abriram caminho para que Elizabeth Bowes Lyon, uma escocesa cuja família tinha sido de fato muito proeminente durante a guerra, se casasse com Albert, também conhecido por “Bertie”, o duque de York e, mais tarde, rei George VI. A regra também permitiu que o príncipe Charles se casasse com Diana e, mais tarde, com Camilla; e consentiu a união do príncipe William com Kate Middleton. Pode parecer banal hoje, mas o casamento da realeza com seus súditos jamais passara pela cabeça da antiga Casa dos Saxe-Coburgo-Gota.

O passo seguinte do rei foi ainda mais brutal, ou, alguns dizem, covarde. George V dispensou seu primo “Nicky”, o de-

posto czar russo Nicolau II, e toda a sua família, deixado-os à generosa mercê dos revolucionários bolcheviques de Lênin. O czar, ao contrário do kaiser, havia sido um aliado leal da coroa britânica até seu império colapsar. Embora George não tivesse como saber que os Romanov seriam assassinados em uma adega, sabia que corriam sério perigo, e que esperavam por um refúgio na Grã-Bretanha. Em princípio ele concordou. Mas a opinião da ala esquerda era extremamente hostil ao czar, apoiava a revolução e, como revelou Kenneth Rose, biógrafo do rei George, o rei entrou em pânico. A pedido seu, Stamfordham bombardeou o gabinete do primeiro-ministro com mensagens que deixavam claro que o czar não era mais bem-vindo. Ao final, no entanto, parece que George estava pelo menos disposto a reconsiderar a questão quando Nicolau e sua família foram aprisionados, exilados e, por fim, mortos (a atual rainha examinou as evidências e escreveu com letra floreada no manuscrito de Rose: “Publique-se”).

Nada seria capaz de mostrar com mais eloquência as mudanças trazidas pela guerra. Antes, em 1905, o pai do rei George se recusara a aceitar o pedido do czar para que a Grã-Bretanha restabelecesse suas relações com a Sérvia depois do assassinato exageradamente brutal de seu rei. Em palavras que soam como as de George Bernard Shaw ou mesmo de Oscar Wilde, Edward VII explicou que sua função era apenas a de “ser um rei... Como você pode ver, pertencemos ao mesmo sindicato, assim como os demais trabalhadores e profissionais. Não posso ser indiferente ao assassinato de um membro de minha classe ou, se preferires, um membro de meu sindicato. Deveríamos ser obrigados a encerrar nossas atividades se nós, reis, fôssemos considerar o assassinato de outros reis como um ato sem qualquer consequência”⁸. Agora seu filho se recusava calmamente a socorrer Nicolau II, o que mais tarde resultou no assassinato do czar. Uma revolução pode clarear os pensamentos de um monarca

com a mesma precisão com que uma pena de morte clareia os dos reles mortais.



A mudança seguinte foi no sistema de honrarias. A maioria dos países possui sistemas assim; o da Grã-Bretanha não só era limitado, mas totalmente emaranhado com os desígnios da realeza. Das ordens mais antigas, a de mais longa data é a Ordem da Jarreteira, estabelecida por Edward III provavelmente em 1344 e restrita a monarcas, seus herdeiros e no máximo outros 24 membros ou “companheiros de cavalaria”. A ordem é concedida por decisão pessoal do monarca. Os Cavaleiros e Damas da Jarreteira, que desfilam todo mês de junho em Windsor como parte das cerimônias da semana Royal Ascot, usando chapéus de Tudor com penas de avestruz e de garça, capas de veludo azul e a comenda azul em forma de jarreteira, são uma mistura de aristocratas, ex-primeiros-ministros e servidores públicos aposentados. Há também os “Cavaleiros Estrangeiros” da Jarreteira, que são monarcas de outros países: em 1915, tanto o kaiser Wilhelm quanto o imperador austro-húngaro Franz Joseph tiveram suas condecorações revogadas.

Outras ordens antigas incluem a Ordem Escocesa do Carde, que remonta a 1687 e é restrita a dezesseis cavaleiros e damas, e a Ordem Irlandesa de São Patrício, agora extinta. Fora essas, a mais grandiosa é a Ordem do Banho, também conhecida por Ordem de Bath, fundada pelo primeiro hanoveriano, George I, em 1725. Embora o nome se refira à prática medieval da antiguidade que determinava que um novo cavaleiro tinha de se banhar para purificar-se, a ordem tem uma origem menos elevada: foi criada parcialmente porque o primeiro e afamadamente corrupto primeiro-ministro britânico Robert Walpole queria uma nova forma de agraciação. Estendida para além das guerras napoleônicas,

ela é usada atualmente pela Grã-Bretanha para honrar estrangeiros eminentes, de generais a líderes de outros países. Dois deles, os tiranos Nicolae Ceaucescu, da Romênia, e Robert Mugabe, do Zimbábue, ao final acabaram tendo suas honrarias canceladas.

Durante grande parte de sua história, a monarquia britânica tem sido criticada por artistas e intelectuais por não ser suficientemente interessada em artes, literatura ou nas ideias em geral. Isso foi considerado um problema já durante os primeiros anos do reinado da rainha Vitória, quando se notou que a Grã-Bretanha não tinha nada parecido com a condecoração *Pour le Mérite* da Prússia, ou as honrarias para homenagear feitos nos campos cultural e científico. Em 1902, Edward VII instituiu a Ordem de Mérito para marcar sua Coroação. Diferentemente da maioria dos outros títulos, não tinha a mão dos aristocratas e nenhuma conexão com o governo; era agraciada pelo rei ou rainha apenas, e limitada a 24 membros. Talvez como resultado disso, é um dos poucos sistemas britânicos de reconhecimento com histórico praticamente impecável. De todas as figuras da ciência, das artes e da política que se destacaram durante o século XX e que a maioria das pessoas esperaria e gostaria que fossem agraciados, uma grande parte de fato foi. De personalidades da Era Vitoriana ainda vivas quando da criação da honraria (como Florence Nightingale e Thomas Hardy) a grandes compositores (Britten e Vaughan Williams), poetas (T. S. Eliot e Ted Hughes), artistas (Henry Moore e Lucien Freud), escritores (E. M. Forster e Henry James) e uma vasta gama de cientistas (Paul Dirac e Tim Berners-Lee), a lista é impressionante. Houve muitos almirantes e até mesmo políticos, como Clement Attlee e Margaret Thatcher, que foram bem escolhidos.

No geral, a Ordem de Mérito é um clube de pessoas cujo sobrenome basta para descrevê-los. De vez em quando, eles participam de um jantar ou almoço na companhia da rainha e têm seus retratos pintados. Mas a Ordem de Mérito, ou OM, não tem

nada a ver com pompa ou ostentação. É o que a Grã-Bretanha tem de mais parecido com uma reunião dos “imortais” — apesar de que, conforme um deles me disse certa vez com satisfação: “Acho que há muito mais imortais do que pessoas que receberam essa honraria”.

Até 1917, esse grupo, mais uma ordem para diplomatas e ainda outra para serviços pessoais prestados ao rei ou rainha, a Ordem Real Vitoriana, compunham o sistema de agraciação. Havia também as honrarias militares, é claro, mas nada para os bre-tões comuns que serviram de outras maneiras — fazendo doações, prestando muitos serviços, fazendo algo “além da expectativa”.

Até o reinado de George V, pode-se dizer que ser honrado e receber “uma honraria” eram duas coisas distintas. A aprovação de concidadãos e demonstrações privadas de respeito, além de ocasionais cumprimentos por parte de organizações de caridade e cívicas, eram o máximo que as pessoas poderiam esperar. George mudou essa realidade quando instituiu a Ordem do Império Britânico, em 4 de junho de 1917. Ela tem cinco categorias, que vão desde Cavaleiro da Grã-Cruz à mais modesta, Membro. As duas classes mais altas criam Cavaleiros ou Damas, e ainda que sejam limitadas em número, as OBEs [*sigla em inglês para Order of the British Empire, Ordem do Império Britânico*] e MBEs [*sigla em inglês para Member of the British Empire, Membro do Império Britânico*] mais simples não são. A OBE é dividida nas alas militar e civil, e a MBE tem fortalecido deveras a influência da monarquia. Muitas das 404.500 honrarias que foram conferidas pela rainha são OBEs ou MBEs: as listas semestrais de celebridades, estrelas do esporte, entre outros, ganharam presença destacada nos jornais e foi alvo de comentários, felicitações e desapontamento. O significado de uma honraria como essa foi, quase que certamente, ideia do lorde Escher, membro liberal do parlamento por um mandato cujos serviços à corte começaram na época vitoriana (ele instalou um elevador para a rainha Vitória em Windsor, e empur-

rava sua cadeira de rodas pelo Palácio de Kensington). Mais tarde, ele se envolveu profundamente com o reinado do rei Edward VII.

Escher era oblíquo, bissexual e bajulador demais para o gosto de George, mas foi esperto e viu a necessidade de criar uma honraria mais democrática.

A guerra havia desencadeado uma distribuição de novas honrarias militares para um vasto número de heróis da linha de batalha, ao passo que aqueles que permaneceram no país — essa era a ideia — poderiam ser agraciados por seus enormes esforços voluntários com as OBEs. Uma vez que era impossível para o Palácio encontrar e listar aqueles que receberiam a honra, essa tarefa tornou-se praticamente uma função do governador em exercício. Entre os primeiros contemplados estavam oficiais de sindicatos, inclusive o esquerdista William Appleton, da Federação Geral dos Sindicatos, e Ben Turner, trabalhador do setor têxtil. Ao final de 1919, vinte e duas mil OBEs haviam sido conferidas, muitas a operários da indústria e pessoas que promoviam instituições de caridade. A monarquia estava fincando suas raízes justamente nas áreas em que se sentira ameaçada. Infelizmente, o mandato pós-guerra de Lloyd George não somente vendeu muitas indicações e condecorações, mas também tratou as OBEs como um tipo de moeda de barganha; por um tempo elas se tornaram algo como a *Order of the Bad Egg* (Ordem do Ovo Podre). Mas, nas décadas que se seguiram, tiveram seu *status* restabelecido e, atualmente, são tão importantes para o sistema de honrarias britânico quanto a *Légion d'Honneur* é para a França.



A derradeira medida de fundação da Casa de Windsor simplesmente retomava um hábito da monarquia do início do século XX e lhe dava novo impulso. Edward VII entendera a importância de ser visto por seu povo e de fazer visitas regulares para

inaugurar hospitais, batizar navios e inspecionar regimentos. A realeza vitoriana teve seu nome gravado em tudo o que se possa imaginar, de hospitais infantis até instituições de caridade de renome. Mas o rei George e a rainha Mary eram de outro time. Durante o levante industrial do período pré-guerra, eles visitaram áreas industriais da Inglaterra, da Escócia e de Gales. George chegou até a visitar uma mina de carvão e conversar com as lastimosas famílias dos mineradores. Mas a guerra tomou um rumo drástico demais e não faria sentido o rei sair em visita às pessoas comuns. A Grã-Bretanha dos tempos de guerra dependia de organizações voluntárias de tal forma que seria até difícil de entender hoje; de 1914 a 1918, cerca de dez mil novas foram criadas. Ter um patrono da realeza ou conexões com a corte, ou mesmo receber sua visita, ajudava a levantar dinheiro, e os renomados Windsor colocaram-se no centro de uma cascata inesgotável de doações e apoio moral.

Atualmente, a reputação de George V não é das melhores. Ele é lembrado como um filisteu, obcecado com regras ultrapassadas de indumentária e etiqueta, e criticado por ser excessivamente entusiasmado por sua incomparável coleção filatélica. Ele certamente era de uma austeridade ímpar, capaz de intimidar tanto visitantes quanto seus filhos. Seus tempos de duque de York foram especialmente inexpressivos; nas palavras de seu biógrafo, “na verdade, por dezessete anos, ele nada mais fez do que matar animais e colar selos”⁹. Mas, assim como outros que esperaram muito tempo para se tornar reis, George melhorou muito quando finalmente começou a trabalhar. Depois de seu início conturbado, muitas de suas intervenções políticas posteriores foram acertadas. Após se machucar bastante ao cair de seu cavalo durante a Grande Guerra, ele com frequência sentia fortes dores, e seu pavio curto tornou-se ainda mais curto. Mas lidou bem com um mundo em transformação em que políticos socialistas chegam ao Palácio de Buckingham enquanto a aristocracia perdia poder.

Quando se tornou rei, antes de a guerra começar, George V relutou em se aliar ao governo radical liberal democraticamente eleito contra a Câmara dos Lordes. Mas mordeu a língua e aceitou, rosando, a empreitada. Ele achava o jovem Winston Churchill um moleque despudorado, e nunca foi fã do convencido Lloyd George, especialmente quando este começou a perverter o sistema de honrarias vendendo títulos. Mas George não se manifestava publicamente e apoiava ambos. Anos depois, após a criação da República da Irlanda, ele fez uma intervenção verdadeiramente importante no norte do país; seus esforços conciliatórios foram de grande ajuda quando parecia, para muitos, que uma guerra mais ampla ali seria inevitável.

Mais tarde, lembrando com grande horror a Primeira Guerra Mundial, ele foi brando demais com relação a Hitler e cético quanto aos avisos de Churchill. Mas certamente não foi o único. Para a presente história, o que importa de fato é como o rei George reinventou a monarquia. A maneira como Elizabeth reina hoje, o que ela faz, como ela é vista e descrita, tudo tem sua origem em decisões tomadas por seu avô quando a Europa se contorcia em sangrentos conflitos e a Grã-Bretanha enfrentava a fome e a derrota nas mãos dos capitães que comandavam submarinos militares. George V foi o primeiro homem importante na vida de Elizabeth; o velho oficial naval, com cheiro de fumo, com quem ela brincava quando criança e de quem se lembra bem, foi o verdadeiro fundador da Casa de Windsor, conhecida como *A Firma*.

Durante todos os seus percalços, o rei recebeu grande ajuda de sua esposa. Em fotografias da imprensa ou oficiais, a rainha Mary parece ter um semblante tão duro quanto um membro da realeza seria capaz de ter. Ela é uma figura dominante na história da Casa de Windsor. Nascida no Palácio de Kensington, no zênite do reinado da rainha Vitória, viveu mais que seu marido e seu filho, o rei George VI; e viveu o suficiente, inclusive, para ver sua

neta Elizabeth ser coroada rainha, em 1953. Seu nascimento foi comunicado à realeza da Europa por cartas escritas em alemão; ela assistiu ao funeral de seu filho pela televisão. A influência da rainha Mary na monarquia britânica de hoje é considerável, ainda que em grande parte obliterada. Ainda que fosse imponente — era mais como a proa congelada de um navio antigo de guerra — e excessivamente entusiasmada com os presentes que recebia daqueles a quem visitava, a rainha era uma reformadora social arguta e uma benfeitora dedicada. À medida que seu marido dava uma nova forma à monarquia, ela fez uma forte aliança com uma líder sindical radical chamada Mary Macarthur, que fazia campanhas para aumentar o salário para pagar o “trabalho suado” de mulheres eduardianas cosedoras de camisas, fazedoras de geleia e de correntes. Agitadora notória, Macarthur era casada com o presidente do Partido Trabalhista, Will Anderson. Quando a rainha Mary a convidou para visitar o Palácio de Buckingham, ela, em suas próprias palavras, deu uma aula amigável à rainha sobre a desigualdade de classes e seu sistema injusto. E concluiu, acertadamente ou não, que “a rainha compreende e percebe toda a situação de um ponto de vista sindicalista”¹⁰.

A primeira “situação” era o profundo efeito que a guerra teve, desde os seus primeiros dias, sobre as negociações e o comércio, uma vez que muitas mulheres perderam seus empregos. A rainha Mary e suas amigas aristocratas encorajaram um grande aumento do tricô e do bordado como trabalhos de guerra, o que apenas tornou a vida das funcionárias das fábricas de roupas ainda mais difícil. Macarthur implorou a uma amiga que tentasse tudo que estivesse ao seu alcance para “fazer com que aquelas mulheres parassem de tricotar!”. A rainha Mary entendeu o recado e criou o Fundo para as Mulheres Trabalhadoras, que arrecadava dinheiro para subsidiar projetos voltados para mulheres desempregadas. Um comitê apartidário foi montado e, apesar de a rainha não ser um membro do parlamento, ela os infernizou a distância e se en-

volveu pessoalmente com a questão, comportamento até então inédito para a realeza. Conforme a guerra avançava, mais e mais mulheres eram recrutadas para substituir os homens em armas, e os desafios mudaram. A rainha Mary, assim como o rei, tornou-se obcecada e incansável em suas visitas a centros de distribuição de alimentos e hospitais, insistindo sempre em ver os mais gravemente feridos. Ela trabalhou na arrecadação de dinheiro para um fundo de auxílio e para enviar cestas de Natal para as tropas, sendo apelidada carinhosamente de “trator da caridade”. Também era incansável em seu trato com a documentação e suas respostas a pedidos de doações. Mais tarde, foi dito que ela teria replicado a uma princesa cansada, que reclamava por ter de fazer mais uma visita a um hospital: “Nós somos a família real — e nós amamos hospitais”. Comentou à margem de uma de suas biografias, que alegava ser ela uma pessoa que se entediava com facilidade: “A verdade é que a rainha nunca se entedia”. Essa é uma atitude, uma obstinação, que ela compartilha com a rainha atual.

Depois que a guerra acabou, toda essa atividade passou a ser considerada parte dos incomensuráveis esforços dos Windsor para demonstrar a importância da realeza. Havia evidências suficientes de que uma mudança era necessária. Em 1918, o lorde Cromer, um tipo de ancião do serviço público, alertou que “a monarquia não está tão estável agora”. Naquele novembro, George V visitou um ajuntamento de 35 mil ex-militares no Hyde Park, e ainda que ele e outros membros da família real tenham sido muito aplaudidos, em seguida os homens começaram a se aproximar do rei e pressioná-lo, reclamando que suas pensões eram míseras, que estavam desempregados e que não tinham moradia decente. Ele foi assediado, de uma forma não muito amigável, e quase o derrubaram de seu cavalo. Faixas de protesto foram erguidas e não foi fácil para a polícia tirá-lo de lá em segurança. Depois de voltar para o Palácio de Buckingham em silêncio, juntamente com o príncipe de Gales, o rei apeou e disse: “Aqueles homens

tinham um temperamento curioso”, antes de chacoalhar a cabeça e entrar no palácio.

Diante desse tipo de pressão política, os esforços de caridade e as visitas públicas da realeza tornaram-se um dos aspectos mais notáveis da monarquia, provavelmente até mais importantes que suas celebrações e cerimoniais. O futuro rei George VI foi eleito presidente da Boys Welfare Association (Associação para o Bem-Estar Jovem), e o príncipe de Gales, mais tarde Edward VIII, tornou-se patrono do National Council of Social Services (Conselho Nacional dos Serviços Sociais), sendo enviado em visitas por todas as partes mais carentes da Grã-Bretanha, durante as quais demonstrou o carisma pelo qual ficou conhecido mais tarde. George V começou a compilar um mapa mostrando o trabalho público de caridade sendo feito pela família, quase como uma campanha militar, com bandeirinhas mostrando onde eles haviam estado; mais tarde, montou uma tabela mostrando a produtividade de cada um dos membros da realeza, que carregava consigo para todas as festas de Natal que passava em Sandringham. Um escritor descreveu “o rei perscrutando suas tabelas como um navegador cuida de seus diários de bordo”¹¹.

Nem todas as ideias iniciais da reforma foram aceitas imediatamente. Clive Wigram, um ex-cavaleiro de Bengala que se tornou escudeiro de George e depois seu secretário particular, argumentou logo após a guerra que era hora de abrir o Palácio de Buckingham e seu jardim a “pessoas de todas as classes”, inclusive professores e funcionários, “ao mesmo estilo que as recepções da Casa Branca”. Essa ideia de Wigram estava adiantada pelo menos oitenta anos. Mas em todos esses eventos, podemos ver o que, de fato, era a criação de um novo tipo de monarquia. A crise de 1917 gerou uma família real “britanizada”, que cortou relações com suas origens alemãs e seus parentes russos, além de ter feito esforços específicos para se enraizar mais profundamente no subsolo da vida britânica do que antes. O lorde Stamfordham, além

de escolher seu próprio nome, deu à Casa de Windsor seu princípio basilar quando escreveu, no mesmo ano: “Nós temos de nos esforçar para induzir as massas trabalhadoras pensantes, os socialistas e outros a pensar na Coroa não como mera figurante, uma instituição que, como eles dizem, ‘não conta para nada’, mas como o poder vivo do bem... que afeta os interesses e o bem-estar de todas as classes”. Essa foi a missão que George tomou para si, e que seu filho e sua neta assumiram em seguida. Foi a frase mais importante que um funcionário da corte já escreveu, e continua sendo a mais influente.

Mesmo com as mudanças na Casa de Windsor, a família real ainda era extremamente rica, servida por criados aristocratas, e mantinha-se reclusa em seus castelos e palácios a maior parte do tempo. Durante os anos 1920, um silêncio profundo de Windsor se abateu sobre o Palácio de Buckingham, cortinas pesadas e a rotina do dia a dia do campo silenciou o barulho febril da Era do Jazz. Depois da guerra, o rei George e sua esposa ficaram na Grã-Bretanha, tendo viajado para o exterior apenas por sete semanas durante os dezesseis anos entre o armistício e a morte do rei. Ele preferia a companhia de seus familiares mais próximos à de qualquer outra pessoa; vivendo como um devoto homem do campo, seu dia decorria com precisão cronometrada, na companhia de um periquito de estimação e dependente emocionalmente de uma chamada telefônica diária para sua irmã, a princesa Vitória (em uma das muitas boas histórias sobre o rei George, certa vez uma ligação foi transferida para o Palácio de Buckingham, e a princesa começou a conversa com um “alô, velho bobão”, sendo interrompida em seguida pelo operador, que disse: “Perdão, Alteza, mas Sua Majestade ainda não atendeu ao telefone”¹².) Ele não tinha grande consideração pelos tipos literários e intelectuais de modo geral, repudiando-os e chamando-os de *eyebrows* — até descobrir que a palavra correta era *highbrow* — afetados.

Ainda assim, politicamente, o homem que a princesa Elizabeth veio a conhecer como “Vovô Inglaterra” provou ser um operador hábil, mestre na retirada estratégica, que estava determinado a vencer, se não os “*eyebrows*”, ao menos os críticos da classe trabalhadora. Em 1924, quando subiu ao poder o primeiro governo trabalhista, de vida curta, George especulou secretamente o que a sua avó, a rainha Vitória, teria feito (não muito), mas depois prosseguiu, dando o melhor de si para fazer com que os novos ministros do gabinete — descritos certa vez como “MacDonald, o secretário esfaimado; Thomas, o maquinista; Henderson, o operário de fundição; e Clynes, o beneficiador de grãos”¹³ — se sentissem acolhidos no Palácio de Buckingham, de Windsor e de Balmoral. Ele fez amizades verdadeiras com vários deles. Sob o reinado de George V, a pompa imperial do século XIX e os confrontos nervosos da Grã-Bretanha eduardiana esmaeceram-se; apesar de todas as previsões catastróficas, a monarquia, mais uma vez, tornou-se um símbolo de unidade, mantendo-se afastada da agitação política.

Outro monarca talvez não tivesse conseguido. Se o irmão mais velho de George, o fraco e ruidoso Eddy, duque de Clarence, não tivesse morrido de gripe em 1892, a história da monarquia britânica talvez tivesse sido mais curta. O rei George, que se casou com a mulher que tinha originalmente sido prometida a Eddy, possuía muitos traços que reapareceriam no reinado da atual rainha. Era discretamente devoto e reservado emocionalmente, com uma crença máxima no dever e na família. Mais de setenta anos atrás, o historiador fervorosamente patriota, *sir* Arthur Bryant, disse que George V e sua rainha representavam as convicções secretas de cada inglês que se prezasse em um tempo em que outros líderes mais intelectualizados de outras nações estavam “pregando o sermão da desintegração, e muitos de seus líderes sociais tinham abandonado as boas maneiras e perdido o bom-senso no convívio social”¹⁴.

Apesar da linguagem floreada, o julgamento de Bryant também se aplica à rainha Elizabeth. Isso não é de surpreender: pelos primeiros dez anos, Vovô Inglaterra foi parte de sua vida, acenando para ela de sua janela no Palácio de Buckingham, brincando com ela como nunca brincara com seus filhos e desfrutando sua companhia. Após a sua morte, que abalou Elizabeth profundamente, sua viúva, a rainha Mary, se envolveu bastante em sua educação. Se ela era a queridinha de seus pais, também era de seus avós.

Quando Elizabeth nasceu, em 1926, passou a fazer parte não só de uma família, mas de um plano familiar. Uma década mais tarde, no entanto, essa campanha — e a Casa de Windsor — quase se desintegraram por completo.

A CRISE DO TIO DAVID

O “tio David”, como era conhecido o rei Edward VIII na família da rainha, era o rei mau, o Windsor que entendeu tudo errado. Era uma celebridade vã e caprichosa, que demonstrava que carisma, apesar de ser útil em política ou no ramo do entretenimento, era matéria de má qualidade para se construir uma monarquia constitucional. Entediado com o dever, o rei Edward procurou diversões. E, quando a realeza mais experiente age de maneira realmente inaceitável, põe tudo a perder.

O aviso aterrador dado por Edward VIII é uma das bases da visão de mundo da rainha. Até os nove anos, ela o conhecia de perto como o carismático e alegre tio David, que corria atrás dela na casa de seus pais e gostava de brincar. Depois ele deixou de brincar e desapareceu entre manchetes de jornais e o exílio.

O príncipe divertido, impecavelmente vestido, ainda que sempre com o olhar tristonho, por muito tempo foi a esperança do Império Britânico. Treinado pela marinha, ele fez de tudo para que deixassem-no lutar nas trincheiras durante a Primei-

ra Guerra Mundial, para chegar tão próximo da linha de frente que pudesse ser bombardeado. Depois da guerra, foi mandado em viagens pelo Império para visitar aquele agora desaparecido mundo em seu momento de maior glória, antes que começasse a desmoronar, encontrando pessoas e cumprimentando-as, das planícies da Índia a locais ermos e congelados do Canadá. Ele leu os discursos escritos para ele com desenvoltura e graciosidade. Nos anos 1920, ele era, para os leitores dos jornais britânicos, o ideal de beleza do homem moderno. Apesar de ser um adepto das caçadas com cães, também explorou o novo mundo das discotecas e dos campos de golfe. Ele era considerado pelas massas, na Grã-Bretanha e no exterior, um homem atraente e cheio de vitalidade, com ideias avançadas e grande carisma. Ainda assim, “David” foi, antes de Diana, o primeiro exemplo do que pode acontecer quando um membro-líder da família real começa a se comportar como uma celebridade estelar. As pequenas regras do povo não se aplicavam a ele; da mesma forma, ele secretamente desdenhava o mundo palaciano que o cercava.

Apesar de seu mau comportamento, despertava simpatia. Sua autobiografia, embora egocêntrica e chorosa, faz uma descrição convincente da vida estupidificante da corte de George V no período entre guerras, com seus jantares morosos, intermináveis formalidades e noites que acabavam cedo. Edward também se deixou influenciar pelas ideias progressistas de sua época. Quando seu pai, ao final da Grande Guerra, pediu que seu filho mais velho relembresse sua posição e quem ele era, Edward refletiu: “Mas quem eu sou, exatamente? A ideia de que meu nascimento e meus títulos pudessem, de uma forma ou de outra, me fazer diferente e melhor que outras pessoas me pareceu errada... Sem compreender o porquê, estava me rebelando inconscientemente contra meu *status*. Isso é o que acontece, talvez, quando se manda um príncipe impressionável para a escola e a guerra”¹⁵. Mas Edward rebelou-se não repensando seu papel e o ritmo da

monarquia, ou mesmo declarando seu fim, mas sendo egoísta e caprichoso. Ele tinha casos com mulheres casadas, depois as dispensava com brutalidade. Dançava até altas horas e enfurecia seus funcionários com exigências petulantes. Nos bastidores, causava desespero nas pessoas em quem confiava, e mesmo os membros mais experientes da família real não têm o direito de fazer isso. Ao contrário dos demais, eles inspiram confiança, são seguidos e, ao mesmo tempo, guiados por um pequeno exército próprio. E, assim como acontece num exército, se o comandante perde o apoio dos soldados, tudo pode acontecer.

“Tommy” Lascelles, o condecorado veterano de guerra e intensamente patriótico assistente pessoal do príncipe de Gales, tornou-se um fã inveterado de Edward quando o encontrou pela primeira vez. Um monarquista apaixonado, que mais tarde serviu George VI e, por um curto período, a rainha Elizabeth, Lascelles se deliciava com seu novo trabalho. Conforme passava o tempo, no entanto, ia ficando cada vez mais alarmado com os caprichos de seu “Comandante”; ao final, estava totalmente desiludido. Durante sua viagem de 1927 ao Canadá, ele se aconselhou com o então primeiro-ministro, que era parte do grupo britânico:

Eu senti um tal desespero com relação a ele [o príncipe de Gales] que marquei uma conversa secreta com Stanley Baldwin uma noite... Disse a ele sem rodeios que, em minha refletida opinião, o herdeiro real, em sua busca desenfreada por vinho e mulheres, ou quaisquer outras extravagâncias por ele cometidas, estava rapidamente se arruinando e, a menos que se endireitasse, em breve se tornaria um problema para a Coroa britânica. Eu estava esperando que me esfolassem vivo, mas Baldwin me ouviu até o fim e, depois de uma pausa, disse que concordava com cada palavra que eu havia dito. Eu continuei: “Sabe, às vezes, quando me sento na Casa de York esperando pelo resultado de alguma longa viagem a cavalo que ele está fazendo, não posso me conter

ao pensar que o melhor que poderia acontecer para ele, e para o país, é que quebrasse o pescoço”. Stanley Baldwin retorquiu: “Deus que me perdoe. Eu já pensei a mesma coisa várias vezes”¹⁶.

Essa é uma cena e tanto: o primeiro-ministro e um secretário pessoal do herdeiro do trono concordando que a melhor coisa que poderia acontecer para a Grã-Bretanha seria que o futuro rei morresse num acidente. Lascelles pensou em se resignar, mas carecia de dinheiro e esbanjava patriotismo. Encorajado pela esposa, ele continuou a batalha. Mas, apenas um ano depois, ao escrever para ela durante mais uma viagem, esse fervoroso monarquista questionou-se sobre a realeza ser, de fato, essa “instituição imaculada e indispensável”, afinal de contas. As atitudes impensadas do príncipe tornaram insuportável a vida de qualquer funcionário da corte com um mínimo de respeito próprio. Lascelles refletiu: “É como ser o braço direito de um milionário bem-sucedido, sem ter certeza de que o capitalismo é, na verdade, uma coisa boa... Por que eu devo perder uma hora de trabalho só porque um outro homem, de repente, decide que quer jogar golfe às três e não às cinco? Por que eu devo continuamente esperar, de pé ou sentado, porque outro homem não consegue se dar ao trabalho de ir trocar de roupa na hora certa?”¹⁷. Para uma explicação de por que a rainha dá tanta importância ao tratamento correto de sua equipe (nunca seus “serviçais”), e espera que sua família dispense a mesma atenção e gentileza, não é preciso procurar além do tio David.

Lascelles — que não foi o último secretário pessoal experiente a perder a paciência com o príncipe de Gales — enfim explodiu com Edward durante sua caçada a leões e elefantes na África, em novembro de 1928. Quando o rei ficou gravemente enfermo, Baldwin telegrafou ao príncipe repetidamente, implorando para que ele voltasse para casa imediatamente. Lascelles mostrou as mensagens para Edward, mas o príncipe, que estava

se divertindo muito para querer deixar a África, respondeu que não acreditava em uma palavra do que estava sendo dito. “Isso é”, ele disse, “mais um truque eleitoreiro do velho Baldwin. Não quer dizer nada”. Lascelles reportou que, depois desse “comportamento absurdamente desumano, perdeu a paciência com o herdeiro do Império Britânico: ‘Sir’, eu disse, ‘o rei da Inglaterra está morrendo; e se isso não significa nada para vossa senhoria, para nós significa muito’. Ele me olhou, saiu sem proferir palavra, e passou o resto da noite investindo em sua bem-sucedida cantada à sra. Barnes, esposa do comissionado local. Conforme ele mesmo me contou na manhã seguinte”¹⁸.

Em janeiro de 1929, Lascelles escreveu uma carta franca ao príncipe e, mais tarde, repreendeu-o verbalmente. Como descreveu: “Eu andei de um lado para o outro de seu quarto por quase uma hora dizendo-lhe, como eu teria dito a um irmão mais novo, exatamente o que eu pensava dele e de seu modo de vida, e vaticinando, com uma precisão que teria me assustado à época, que ele perderia o trono da Inglaterra”. Para seu próprio bem, os dois homens se separaram de maneira relativamente afável. Lascelles voltou a servir George V pouco antes de o rei morrer, e permaneceu no Palácio de Buckingham pelos próximos dois reinados. Ele não se surpreendeu com a abdicação quando ela veio, mas ficou chocado com o que considerou um abandono de função. Uma vez no exílio, o duque de Windsor referia-se a Lascelles simplesmente como a “cobra diabólica”.

Alguns argumentam que a crise da abdicação de 1936 foi um divisor de águas para os Windsors; certamente foi sua maior comoção. Por setenta anos, a crise tem sido exaustivamente descrita por historiadores, romancistas e jornalistas: os rumores delirantes sobre o domínio sexual que Wallis Simpson exercia sobre o rei; a violenta batalha política entre o rei e Stanley Baldwin; os argumentos sem fim sobre um casamento morganático (no qual ele seria rei, mas Wallis não seria rainha); e a briga por dinheiro

e *status* depois que o rei, enfim, abdicou. O que importa para a história da rainha é que, sem a abdicação, Elizabeth teria levado uma vida tranquila, provavelmente como uma mulher do campo, de família real pouco conhecida, desfrutando a companhia de seus cachorros e cavalos e apoiando as instituições beneficentes. Seu pai certamente teria vivido mais, já que não teria de enfrentar as duras responsabilidades do reinado durante a guerra mundial que estava por vir. Sua irmã também teria tido uma vida mais feliz e reservada. Na ocasião, Elizabeth parece ter observado quais caminhos “David” havia escolhido e ter tomado um rumo totalmente oposto — como pode ser observado especialmente por sua negociação cuidadosa do outro grande motivo de embaraço para a dinastia Windsor: a separação de Diana e do príncipe Charles.

Durante a crise da abdicação, a nova dinastia se viu diante do abismo. Se Edward tivesse lutado para permanecer rei e fosse bem-sucedido, é bem possível que o Império Britânico tivesse caído, com consequências gravíssimas para a guerra que se seguiu. Do jeito que as coisas iam, a instituição da monarquia estava se tornando motivo de chacota em todo o mundo. A Casa de Windsor estremeceu. Isso é o tipo de coisa que uma família não esquece.

Quase ao mesmo tempo em que Edward VIII abdicou e tornou-se o duque de Windsor, viajando para o exterior para casar-se, sem o apoio de seu irmão ou de seus pais, foi apagado da história com determinação. As virtudes sólidas da monarquia foram reafirmadas, e a corte britânica voltou rapidamente ao estilo do velho rei George V. Mais uma vez, a família real abraçou os valores que havia encarnado há tanto tempo: convenção, família e dever.

O BOM REI GEORGE

Qualquer pessoa que esteja querendo entender melhor o serviço prestado pelo rei George VI ao seu país não deveria começar pelo filme recente sobre sua luta contra a gagueira. Por

melhor que seja, a cena marcante do filme traz o ator Colin Firth vociferando palavras de quatro letras. Ao contrário, observe uma fotografia de “Bertie” de quando ele era príncipe de Gales — por exemplo, o retrato feito por Philip de László em 1931 — e então compare com uma imagem dele após a guerra, como o retrato oficial, com seu uniforme da Real Força Aérea, tirada vinte anos depois. O rei passou por problemas de saúde ao envelhecer e, como muitos de sua geração, era um fumante inveterado. Ainda assim, a mudança é chocante. Em seus trinta e poucos anos, parece um menino adulto, com um semblante sensível e despreocupado, grandes olhos escuros e lábios carnudos. Em seus cinquenta e poucos, tinha o cabelo de um jovem e o rosto de uma pessoa com mais de setenta; seu olhar fundo ostentava cansaço e rugas, era a imagem do desgaste e da exaustão. Ainda que tenha trabalhado à sombra de Churchill, ser um líder em tempos de guerra fez com que ficasse assim.

Outra forma de medir as mudanças por que ele passou pode ser encontrada nos diários francos de Harold Nicolson, o político e escritor responsável pelo registro oficial da vida de George Pai. Em 1929, ele descreveu o príncipe como sendo “apenas um pardal do viveiro dos Windsor”, mas, em 1940, depois de reencontrá-lo, escreveu que não era mais “um garoto simplório e ingênuo”, mas calmo e seguro de si. Nicolson escreveu que ele e a rainha eram “resolutos e sensíveis. VENCEREMOS. Agora eu estou certo disso”¹⁹.

George VI sabia o que lhe passaria se fosse rei. Sentiu que não tinha nada do que era necessário para a função. Um dia, “David” finalmente deixou claro para seu irmão mais novo que abdicaria, depois de fazê-lo aguardar apreensivo por vários dias. O futuro rei foi ver sua mãe, a rainha Mary, e “quando eu disse a ela o que se passara, desabei e soluzei como uma criança”²⁰ (ela afirmou mais tarde que ele chorara por uma hora em seu ombro). No dia seguinte, enquanto assistia a seu irmão fazer os

últimos preparativos antes de viajar, disse a lorde Mountbatten, um de seus amigos mais próximos: “Dickie, isso é terrível. Eu nunca quis que acontecesse; estou muito despreparado para esse momento. David foi treinado para ser rei por toda a sua vida. Eu nunca sequer vi um documento oficial. Sou apenas um oficial da Marinha, é o único conhecimento que tenho”²¹. Por fim, a memória enciclopédica de Mountbatten para as trivialidades da realeza mostrou-se útil: ele por acaso se lembrava de quando o pai dele, o rei George V, lhe dissera ter afirmado a mesma coisa quando seu irmão mais velho morrera, apenas para ouvir: “George, você está errado. Não há melhor forma de preparar um rei do que ser treinado pela Marinha”.

Se tal afirmação é verdadeira ou não — e seria possível argumentar que sim, uma vez que a Marinha coloca o monarca em treinamento lado a lado com outros homens de todas as classes, em um lugar fechado, e lhes ensina pontualidade, espírito prático e controle do estresse —, essa era apenas parte da resposta. “Bertie” digladiara com uma gagueira severa por toda a sua vida, talvez fruto de seus sentimentos arraigados de inadequação frente às comparações com seu glamouroso e confiante irmão, que um dia ele idolatrou. Ele passou seus primeiros anos morando com seus irmãos em York Cottage, uma residência movimentada na região de Sandringham, antes de enfrentar o ambiente duro da moradia do Real Colégio Naval, na Ilha de Wight, local onde ficava o retiro favorito da rainha Vitória na região sul, a Casa de Osborne. Essa deve ter sido uma experiência desafiadora para o garoto tímido que nunca se enturmara bem com outras crianças. Ele foi vítima de *bullying* e se esforçou para tirar suas notas, ficando em 68º lugar numa turma de sessenta e oito em seu exame final.

Ainda assim, Bertie passou para a fase seguinte de seu treinamento naval em Dartmouth, estudou um ano em Oxford e foi comissionado como Guarda-Marinha Júnior um ano antes do

início da Primeira Guerra. Quando criança, tinha pernas arqueadas e foi obrigado a usar aparelhos de correção, que lhe causavam dores insuportáveis. Seu sistema digestório era muito fraco, talvez em parte devido à alimentação descuidada que recebeu de uma de suas primeiras cuidadoras. Durante a guerra, deixou seu navio várias vezes para ser internado, mas conseguiu participar da titânica, ainda que indecisiva, Batalha de Jutlândia. Incapaz de falar bem em público por causa de sua famosa tartamudez, sem treino nos meandros do Estado, em estado de saúde precário (embora fosse um bom cavaleiro e jogador de tênis), ele parecia tão pouco adequado para se tornar rei-imperador quanto era possível ser.

Ainda assim, ele havia mostrado outro lado de seu caráter, um traço de determinação e persistência que mudaria sua reputação. Depois da guerra, ele se apaixonou por uma glamourosa aristocrata escocesa. Elizabeth Bowes Lyon tinha apenas vinte anos quando eles se encontraram pela primeira vez em um baile, em 1920. Ela era assediada por admiradores confiantes e insistentes, mas Bertie a cortejou e fez sua primeira proposta de casamento por um emissário. Embora tenha sido rejeitado, ele se recusou a desistir e, em janeiro de 1923, ela finalmente aceitou casar-se com ele.

Esse era um lado de Bertie que seus pais ainda não conheciam, e que os encantou. Elizabeth era a primeira plebeia a ser aceita na família desde a revolução dos Windsor de 1917 (“plebeia” aqui significa apenas “sem sangue real”, já que ela vinha de uma família escocesa muito distinta, dona de muitas terras). Ela se tornaria um pivô em sua vida. À medida que o comportamento de seu irmão se tornava mais e mais escandaloso, seu pai começou a ver Bertie com mais bons olhos. Quando seu segundo filho se casou, George V escreveu: “Você sempre foi tão mais sensível e fácil de lidar, e sempre esteve pronto a ouvir meus conselhos e concordar com minhas opiniões sobre as pessoas e as coisas, que eu sinto que nós sempre nos demos muito bem (diferentemente

de meu querido David)”. Mais tarde, foi dito que George teria afirmado ter esperanças de que seu filho mais velho nunca se casasse para que Bertie e a pequena Elizabeth o sucedessem em vez dele.

Entre as guerras, Bertie tinha se acomodado numa vida quieta de *gentleman* discreto, ainda que não se esquivasse das obrigações da realeza impostas por seu pai. Ele se interessava pela indústria e pelos trabalhos públicos, e chegou a abrir um acampamento de verão para meninos de diferentes origens. Mas suas inclinações eram profundamente privadas e silenciosamente conservadoras, e ele revelou-se um ótimo pai de família, que se apoiava em uma esposa que tinha, de acordo com os cortesãos da época, um instinto ainda mais conservador que o dele. Ele tinha uma desconfiança enorme de socialistas, liberais e, na verdade, quaisquer políticos que não fossem da ala conservadora dos velhos tempos. Ele tinha aversão aos discursos públicos, e experimentou um momento particularmente embaraçoso em maio de 1925, quando sofreu para completar um discurso na Exposição do Império, em Wembley. Como colocam os autores de um livro sobre o problema de fala do rei: “Seria difícil exagerar na estimativa do efeito psicológico que aquele discurso teve, tanto para Bertie quanto para sua família, e o problema que sua desoladora performance criou para a monarquia. Esses discursos deveriam fazer parte do dia a dia do duque, que era o segundo na linha de sucessão para o trono e, ainda assim, ele tinha falhado claramente em enfrentar o desafio”²². Embora tenha passado em consulta com praticamente todos os terapeutas de fala de reputação em Londres, em outubro de 1926, a esposa de Bertie o persuadiu a encontrar-se com Lionel Logue, o australiano cujos métodos nada ortodoxos o ajudariam tanto. A terapia de fala ainda estava engatinhando, um casamento duvidoso que combinava psicologia, trabalho físico do diafragma, dos pulmões e da língua, e exercícios úteis e bizarros. Logue não tinha formação médica, mas era, ele próprio, um bom e confiante orador, cujo otimismo e

energia conquistaram seu cliente real receoso e pessimista. A coisa mais impressionante sobre o tratamento era a intensidade e a frequência das sessões. Em pouco mais de um ano, até dezembro de 1927, Bertie encarou oitenta e duas sessões com Logue na Rua Harley. Ele praticava dia após dia em casa, desmarcando compromissos e deixando de lado seus amados campos de caça, para se forçar a praticar contorções da língua, exercícios de respiração e práticas de leitura. Pouco a pouco, o enorme esforço deu retorno, e o público, que esperava um orador gaguejante e monossilábico, se viu às voltas com discursos relativamente fluentes. Todo esse tempo, sua esposa o incentivava, sentada a seu lado, os punhos pálidos de tensão. Conforme passaram-se os anos — em visitas ao exterior e em inúmeros pronunciamentos no próprio país e até mesmo em transmissões ao vivo —, Bertie foi melhorando.

Defeitos de fala não desaparecem de um dia para o outro, e curas milagrosas são raras. As pressões psicológicas de seus primeiros anos não puderam ser simplesmente retiradas com a mão; como tantas outras pessoas, o futuro rei vivera com as cicatrizes fundas daqueles duros anos e aprendera a lidar com as consequências. Uma vez que se tornou rei, havia muita fofoca a seu respeito, até mesmo antes de se saber que ele adotaria o nome de seu pai (ele poderia ter se tornado o primeiro rei Albert). Ele era, dizia-se, muito nervoso e apagado para lidar com as exigências do trono; ele mal conseguiria chegar ao fim de sua cerimônia de Coroação.

Certamente, em seus primeiros anos de reinado, George VI teve de enfrentar um torrente de intrigas de salão e de conversinhas dissimuladas a seu respeito. Ele não visitou a Índia para o esperado durbar (e, apesar de ser seu último imperador, jamais chegou a visitar a Índia). Para piorar a situação, o arcebispo de Canterbury da época, uma figura um tanto estranha, discutia sua gagueira abertamente, e seu irmão o bombardeava, de seu exílio na Áustria, com conselhos indesejados. Quando seu primei-

ro premiê, Stanley Baldwin, que havia sido uma fonte de apoio avuncular, retirou-se logo no início do mandato, George VI ficou desolado. Mas, outra vez, mostrou a tenacidade que lhe fez ganhar a esposa e domar a gagueira, aplicando-se aos negócios e deveres da realeza com um vigor austero de que Edward VIII não teria sido capaz. O rei Edward horrorizou a tal ponto o *establishment* político, ao ignorar as caixas de papéis oficiais, mandando-as de volta com manchas de uísque ou, pior, mostrando-os para os outros, que os funcionários da Whitehall Street começaram a censurar o que era enviado para o palácio.

George lia sua papelada, manteve seu conselho, e gradualmente começou a superar sua magra educação nas questões constitucionais. O *establishment* respondeu, primeiro com desconfiança, depois com alívio. A imprensa britânica, que havia silenciado o caso de Edward e Wallis até não poder mais, voltara a seus instintos iniciais de lealdade e discrição. De muitas maneiras, isso acabou sendo prejudicial para a monarquia. Embora tenha permitido que George VI crescesse em seu papel de rei, também fez com que a família real voltasse aos seus velhos hábitos, inclusive à preferência instintiva por políticos aristocráticos e conservadores, mais “seguros”, bem num momento em que estes estavam precisando provar sua valia. A corte tinha uma profunda desconfiança de Churchill em particular, que era um defensor ferrenho de Edward. De modo mais geral, Lascelles e seus colegas criaram uma casca protetora de tradição e procedência ao redor da família que durou até os anos 1950.

Ainda assim, até pouco antes da Segunda Guerra Mundial, George VI ainda era um monarca inexperiente, procurando seu caminho. Quando seu segundo primeiro-ministro Neville Chamberlain embarcou na política de apaziguamento, o rei o apoiou com tanto entusiasmo que alguns membros do parlamento acharam que ele estava agindo de modo muito político, indo além de seu papel constitucional. George queria fazer apelos pes-

soais, “de rei para *führer*”, ele mesmo, e insistiu que Chamberlain o acompanhasse na varanda do Palácio de Buckingham após a agora notória visita que o premiê fizera a Munique. A atmosfera é difícil de ser recapturada: naquele tempo, a maioria dos britânicos também estava encantada. O rei mandou um recado ao Império, prometendo que “o tempo de ansiedade já havia passado” e agradecendo a Deus e ao sr. Chamberlain por “uma nova era de amizade e prosperidade”. Esta era a visão da família: sua mãe, a rainha Mary, escreveu-lhe expressando seu desespero com os críticos do Acordo de Munique e perguntando por que as pessoas não podiam simplesmente ser gratas ao fato de que Chamberlain tinha voltado para casa trazendo a paz. “É sempre tão fácil para as pessoas criticarem quando não sabem os prós e os contras da situação”, reclamou. Depois que a guerra começou e que a campanha britânica inicial à Noruega falhou, Chamberlain foi forçado a renunciar; quando o fez, o rei ficou arrasado e furioso com os críticos do primeiro-ministro (a princesa Elizabeth, ao ouvir a notícia da renúncia de Chamberlain, chorou). Para substituir Chamberlain, o rei desejava lorde Halifax, outro arquiapaziguador e aristocrata de extrema direita. Apenas depois de muito relutar é que acabou aceitando a ideia de que o espalhafatoso Winston Churchill seria a melhor opção, e precisou de muito tempo para se acostumar com ele.

Um biógrafo eminente da realeza concluiu: “George VI não era um líder nato. Ele podia parecer tímido e atormentado, distraído e até mesmo melancólico”²³. O rei também ficou famoso por seus rompantes de mau humor, seus “ataques”, como a família se referia a eles. Mas a guerra fez a sua reputação, assim como a de Churchill e a de Mountbatten. Sob aquela pele delicada estava um homem inteligente e sensível com um senso de dever indestrutível.

A primeira grande prova de que George VI podia ser, de fato, um bom rei, veio durante a sua visita aos Estados Unidos, em junho de 1939. Ele estava fazendo uma visita ao Canadá pla-

nejada com muita antecedência e o presidente Roosevelt o convidou para ir até o sul. Nenhum soberano britânico em exercício viajara aos Estados Unidos até então, mas Roosevelt pôs um fim nisso. De acordo com sua esposa, ele acreditava que “muito em breve podemos estar todos envolvidos numa batalha de vida ou morte, em que a Grã-Bretanha será nossa primeira linha de defesa”, e ele queria “estretar os laços de amizade”²⁴.

A visita foi um grande sucesso. Tanto o rei quanto a rainha Elizabeth foram recebidos com grande júbilo, e impressionaram os políticos norte-americanos, os jornais e a multidão com sua informalidade e cordialidade. A rainha escreveu para sua filha Elizabeth descrevendo a emoção de jantar ao ar livre, com toda a comida empilhada num prato só, inclusive “*HOT DOGS!*”. Em sua residência no Rio Hudson, o presidente Roosevelt e George VI conversaram até altas horas sobre assuntos difíceis como dívidas, exportação de aço, bases navais, a posição soviética e como conquistar a opinião dos norte-americanos e tirá-los do isolacionismo. Roosevelt foi muito além do que a maioria dos norte-americanos acharia confortável para o momento: prometeu, de acordo com uma anotação do rei, que “se Londres fosse bombardeada, os Estados Unidos viriam em seu socorro”. Tudo isso foi meticulosamente anotado por ele e, no dia seguinte, enviado para o governo britânico (quando o presidente Obama visitou Londres na primavera de 2011, trouxe de presente para a rainha um álbum de fotografias dessa visita: se fora muito significativa para seu pai, certamente seria para ela também).

Quando a guerra com a Alemanha eclodiu, o papel mais importante do rei foi apoiar a personalidade mais forte e ainda mais sensível de seu primeiro-ministro. Escondido sob a gigantesca sombra de Churchill, ele jamais reclamou. George VI era muito zeloso dos maiores segredos de guerra, inclusive das interceptações das mensagens codificadas pela Enigma; também soube de antemão da invenção e posterior uso da bomba atômica.

mica. Apesar de algumas rugas ocasionais, ele e o arquimonarquista Churchill tornaram-se amigos. Ele trabalhou duro, cortou sem dó os custos da corte e apoiou seu extraordinário primeiro-ministro de todas as formas possíveis. Sua recusa a deixar Londres durante a *Blitzkrieg* ficou famosa — apesar de a família real passar suas noites em Windsor, onde a princesa Elizabeth estava bem protegida das privações dos tempos de guerra. O Palácio de Buckingham foi bombardeado nove vezes.

Durante a guerra, o rei teve a ideia de criar a Cruz de George e a Medalha de George para honrar heróis civis, contribuindo um pouco para ampliar a criação da Ordem do Império Britânico de seu pai. Ele visitou as forças britânicas no norte da África, na Itália e em Malta — mais drasticamente bombardeada. Brigou com Churchill por seu entusiasmo para ir à França depois do Dia D, argumentando que, como rei, ele não tinha condições de ir, e estava, portanto, sendo colocado numa posição delicada (Churchill ficou em casa, mal-humorado, por mais um tempo). No final da guerra, o rei havia se tornado um símbolo genuíno da persistência britânica: tímido, devoto e curiosamente modesto, em uma era em que tantos países tinham monstros como chefes de Estado.

Depois que a guerra terminou, George apoiou a independência da Índia e demonstrou sua hostilidade ao racismo na África do Sul durante uma visita que fez ao país. Assim como a rainha Vitória tinha ficado horrorizada com a escravidão nos Estados Unidos, e se comprazia em dar atenção aos seus serviçais indianos, o rei George VI deu todos os indícios de ser genuinamente indiferente às diferenças de raça, embora seu império como um todo não fosse.

O rei, no entanto, não era um radical, e achou muito difícil aceitar a derrota de Churchill na eleição de 1945. Privadamente, ele sempre teve reservas com relação à administração socialista de Clement Attlee. Da mesma forma que o pai teve de lidar

com a chegada do primeiro governo trabalhista, em 1924, o filho teve de engolir seus instintos e encarar um homem pouco familiar e de opiniões alarmantes. Ele encarou, mas não com prazer. De muitas formas, George VI permaneceu aquele tradicionalista pré-guerra conservador; meticuloso sobre o vestuário, as honrarias e as formalidades da corte e fã obsessivo das caçadas, ele era uma versão mais esguia e cuidadosamente barbeada de seu pai. Hugh Gaitskell, futuro líder do Partido Trabalhista, disse que ele era “uma pessoa bem reacionária”. Quando precisou submeter-se a uma cirurgia na perna para restabelecer o fluxo de sangue bloqueado por uma arteriosclerose, o rei foi avisado de que teria de ser internado em um hospital, e se recusou, alegando cumprimento de protocolo: “Nunca ouvi falar de um rei que já tenha sido operado num hospital”. Mas ele trabalhava muito duro, moradia sua língua indomável e mantinha a monarquia constitucional em bom estado.

Tudo isso era observado e assimilado por sua filha mais velha, a menina séria que ele sabia ser a futura rainha. Ele apresentou Elizabeth muito cedo ao trabalho e aos rituais envolvidos na tarefa de ser um monarca britânico. Em 1955, quando a rainha tornou público um memorial homenageando seu pai, elogiou sua firmeza durante a guerra, sua “amabilidade e simplicidade”, sua “simpatia calorosa e amigável”, sua “humanidade despretensiosa”, e destacou o quanto ele havia se sacrificado durante os momentos mais difíceis de suas enfermidades: “Sua coragem para superá-las tornou-o querido de todos”.

Depois do tormento da Primeira Guerra Mundial, o pai dele, George V, tinha acreditado com todas as forças que a monarquia fosse associada exatamente a essas qualidades.

A Casa de Windsor possui uma transmissão incomum de ideias e comportamentos de avô para pai e para filha desde sua origem, em 1917. Por meio de uma mudança radical, levada a cabo por pessoas conservadoras e com um senso de dever e de

propósito muito fortes, esses três tornaram-se os novos monarcas-modelo da Grã-Bretanha. Eles têm sido denominados a monarquia do bem-estar, ou a monarquia democrática, ou até mesmo a monarquia provinciana. A essência desse novo paradigma é um paradoxo: o soberano que serve aos seus súditos.

Quando Elizabeth II tornou-se rainha, as pessoas falavam com exagero de uma “nova era elisabetana”, e se perguntavam se a Grã-Bretanha de meados do século XX poderia surpreender o mundo como os ingleses da época de Francis Drake, Shakespeare e Francis Bacon. A rainha lhes devolveu a realidade. Em seu pronunciamento por rádio de 1953, ela disse: “Não me sinto, de forma alguma, como minha antepassada Tudor, que recebeu a sina de não ter nem cônjuge nem filhos, reinava como uma déspota e nunca foi capaz de deixar sua terra natal”. Prosseguiu comparando a Grã-Bretanha moderna, rica em coragem e empreendedora, com a Grã-Bretanha empobrecida, reduzida, mas “grandiosa em espírito” da antiga era elisabetana. Também é verdade que a rainha e os Windsor tinham algo mais em comum com os Tudor: eles, também, reinventaram-se como dinastia.

O GLAMOUROSO DICKIE

Com exceção de seu marido, quem teve maior influência sobre Elizabeth foi seu pai. Mas há outros dois personagens principais sem os quais não é possível entender a rainha e seu reinado. Um é, obviamente, sua mãe, mas primeiramente vamos considerar uma influência um pouco menos óbvia e mais ambígua, cujo impacto atingiu seu ápice na metade do século XX. Em viagem com o futuro Edward VIII, nas excursões pós-1918 que fez, havia um enfatuado admirador seu que era parte da família. Assim como o príncipe, ele havia estado no colo de sua avó, a rainha Vitória, quando criança, e recebido “Albert” como um de seus nomes, em homenagem ao falecido marido dela. Atualmente ele

é lembrado apenas como “Mountbatten”, o primo do príncipe e uma das personalidades mais exóticas e inacreditáveis da história britânica do século XX.

“Dickie” Mountbatten tinha apenas quinze anos quando seu pai, o príncipe Louis Battenberg, foi obrigado a renunciar ao posto de primeiro lorde do almirantado. O príncipe Battenberg e seu filho eram membros de um ramo relativamente jovem da intrincada árvore genealógica das dinastias da realeza europeia. Ainda assim, os Battenberg haviam passado férias com os Romanov, na Rússia, e sentiam-se no direito de interferir nos assuntos da realeza, da Suécia à Grécia. Louis Mountbatten, como veio a chamar-se, foi oficial da marinha britânica na Primeira Guerra; no período entreguerras, ascendeu no escalão naval, tornando-se muito próximo do futuro rei inglês, e então casou-se com a mulher mais rica da Grã-Bretanha.

Mountbatten teve a grande arrancada de sua carreira durante a Segunda Guerra Mundial, apesar de uma série de situações embaraçosas que teve de passar quando servia de capitão. Seu destróier, o HMS *Kelly*, atingiu minas e um outro navio, além de ficar seriamente danificado num bombardeio depois que ele próprio enviou sinais noturnos captados pelo inimigo. Mesmo assim, o senso teatral de Mountbatten e sua habilidade de fazer discursos inflamados fizeram com que, após ter escoltado o navio de volta para casa, se tornasse um herói nacional e personagem de um filme de Noël Coward, *In Which We Serve* (*Nosso barco, nossa alma*, em português), que fazia propaganda de guerra. Mais tarde na guerra, o HMS *Kelly* foi bombardeado e soçobrou próximo a Creta, onde a flotilha de Mountbatten estava tentando deter a invasão dos alemães. Ele teve muita sorte em sobreviver, pois 136 membros de sua tripulação morreram.

Embora o destróier estivesse em condições totalmente desfavoráveis (não exatamente por culpa de Mountbatten), historiadores navais e seus biógrafos em geral concordam que ele era um

comandante destemido, embora não particularmente bom. No entanto, graças a Winston Churchill, que reconheceu sua personalidade dinâmica e antenada com a publicidade, muito parecida com a dele própria, Mountbatten foi rapidamente alçado muito acima de seu posto para se tornar chefe de operações combinadas. Mais tarde, foi ainda mais longe ao tornar-se comandante Supremo Aliado para o Sudeste Asiático. Lá, ele liderou com sucesso a luta para retomar Myanmar e a península malaia dos japoneses.

As guerras aceleram tudo, inclusive as promoções, mas passar de capitão de um destróier ridicularizado por bombardear um cardume de peixes a um dos grandes mestres estratégicos num conflito global foi realmente extraordinário. Especialmente nas condições difíceis do início dos anos 1940, o carisma de Mountbatten e sua confiança em si próprio, que se tornavam públicas em círculos cada vez mais abrangentes, tiveram muita importância. Ele sempre tirava o máximo de vantagem de suas conexões e exercia pressões descaradamente para conseguir os cargos que queria, desde aquela sua viagem acompanhando o príncipe de Gales em suas excursões ao estrangeiro. Depois da abdicação, ele rapidamente afirmou fidelidade ao novo rei George VI e nunca se esquecia de lembrar a todos que o cercavam de suas fortes ligações com a realeza. Muito tempo antes, Churchill havia aquiescido à humilhante dispensa do pai de Mountbatten do almirantado; agora o apoiava com fervor. Mountbatten, parecia, tinha tudo. Tinha dom para as relações públicas e a autopromoção que cativou a fustigada Grã-Bretanha, assim como o soldado favorito de Churchill, o marechal Bernard Montgomery. Tinha boa aparência, era corajoso, charmoso e encarnava o ideal de homem rico. E era parte do *establishment* da realeza, em uma época em que isso contava muito. Não é de se admirar que muitas pessoas bem situadas o odiassem com intensidade implacável.

Depois da guerra e da derrota de Churchill nas eleições de 1945, o novo primeiro-ministro trabalhista, Clement Attlee,

pediu a Mountbatten que se tornasse o último vice-rei da Índia e finalizasse as negociações de independência com aquele país e com o Paquistão. Ele aceitou, trabalhando com uma agenda apertada e uma energia impiedosa. Ele e sua vigorosa esposa, Edwina, aproveitaram o grande estilo dos derradeiros dias do império indiano. Sua casa vice-real fazia vergonha ao Palácio de Buckingham; sua filha a comparava aos castelos mais grandiosos do czar russo. Por trás da retirada ruidosa, porém civilizada, dos altos escalões do rajá britânico, uma dissolução fragmentada teve início por todo o subcontinente. Mountbatten trabalhou pesado por um total de 125 dias para dar fim à Índia Britânica, tomando uma série de decisões brutais muito rapidamente. Churchill, por exemplo, ficou estarecido. Ninguém havia lutado mais ou tinha mais amor pelo Império do que ele, que passou a considerar seu antigo protegido como um traidor.

O rompimento resultou em terrível derramamento de sangue, a pior chacina e a maior taxa de migração da história do subcontinente. Nada disso era culpa de Mountbatten, e ele e Edwina fizeram o que puderam para organizar a assistência às vítimas. Mas, a certa altura, a Grã-Bretanha parecia não se importar mais com a agonia do povo de sua antiga colônia. Mountbatten voltou para a Marinha e continuou a prosperar, tornando-se almirante-de-esquadra, chefe do estado-maior de defesa e, por fim, em 1955, primeiro lorde do almirantado — posto que seu pai havia sido forçado a deixar 41 anos antes. Ele recebeu a última grande promoção sob anuência relutante do envelhecido primeiro-ministro Winston Churchill. Para Mountbatten, essa vingança não poderia ter sido mais doce. Ele foi transferido para o antigo escritório de seu pai e, em seu primeiro dia lá, escreveu em seu diário: “Emocionado de sentar sob o retrato de papai”.

Mountbatten teve grande influência sobre os Windsor durante a primeira parte do reinado de Elizabeth II, se não tão di-

retamente sobre ela, pelo menos sobre seu marido e sobre seu filho. Em primeiro lugar, foi muito importante sua atuação como, por assim dizer, semiguardião do príncipe Philip dos anos 1930 em diante. Em sua versão mais melodramática, a história do “tio Dickie” e seu jovem pupilo pinta Mountbatten moldando Philip à sua imagem e semelhança, fazendo intriga para casá-lo com a princesa Elizabeth e exultando com seu triunfo familiar quando ela se tornou rainha. Há uma boa dose de exagero em tudo isso. É verdade que Mountbatten insistiu para que Philip seguisse uma carreira na Marinha; também é verdade que Mountbatten era um casamenteiro real afiado (anos depois, tentou despertar o interesse do príncipe Charles por uma de suas netas). Também trabalhou com afinco e sucesso para conseguir a naturalização do príncipe Philip como cidadão britânico, e não grego (em fevereiro de 1947, Philip adotou o nome anglófilo de sua mãe, Mountbatten, em vez do que teria sido seu nome de família paterna, o dinamarquês Schleswig-Holstein-Sonderburg-Glücksburg, fazendo com que ficasse muito mais fácil conseguir-lhe um casamento). Por fim, é verdade que depois que Philip e Elizabeth se casaram, Mountbatten fez uma longa, persistente e malograda campanha para trocar o sobrenome real de “Windsor” para Mountbatten-Windsor.

Mas o duque de Edimburgo deixou claro, em várias ocasiões, que achava que Mountbatten havia exagerado a participação dele em sua formação, reclamando que seus próprios pais estavam sendo ignorados, e que tinha passado mais tempo com sua avó e com outros parentes do que com Mountbatten. Tem-se a impressão de que ele se ressentiu de tio Dickie ter passado dos limites. Foi ele, não seu tio, que decidiu casar com a futura rainha. Quando ainda estavam cortejando-se, Philip escreveu uma carta lacônica para Mountbatten, bem-humorada mas certamente contendo um tom de advertência: “Não estou sendo rude, mas está claro que você se compraz em ser o gerente-geral desse pe-

queno espetáculo, e não estou certo de que ela vai ser tão tolerante com a ideia quanto eu”²⁵.

Muito mais tarde, Mountbatten criaria uma relação especialmente próxima com o primeiro filho de Philip, o príncipe Charles. Por essa época, ele era muito íntimo do núcleo da família real, sendo convidado para comemorações e visitas familiares; as histórias repetidas de seus grandes feitos eram toleradas com benevolência e sua vasta rede de influência era admirada. Ainda assim, por trás de toda a afeição calorosa, havia um pé atrás, pelo menos por parte dos mais velhos, já que para eles o tio Dickie tinha uma relação direta e incômoda com o tio David.

Não muito depois que ele e o príncipe de Gales retornaram de sua expedição à Índia, Mountbatten casou-se com a herdeira Edwina Ashley, com toda pompa e circunstância — e o futuro Edward VIII foi seu padrinho. Os Mountbatten eram membros-chave do “clã” do príncipe e ele permaneceu seu bom amigo durante seu curto reinado. Embora tenha discordado da abdicação, lutando vigorosamente como membro do “partido do rei” ao lado de Churchill, Mountbatten manteve um contato próximo com o ex-monarca exilado, oferecendo-se para ser seu padrinho quando este se casou com a sra. Simpson, além de, mais tarde, repassar mensagens dele para a corte. Ele se dispôs a resgatar o casal da França após a invasão alemã, em 1940. Era o homem de ligação nas negociações de títulos e fundos após a guerra e fez de tudo para reparar suas relações nessa época. Em algo ele nunca foi bem-sucedido: a rainha Elizabeth, a rainha-mãe, nunca perdoou o duque de Windsor pela deserção de seu dever.

Mountbatten tinha um senso de dever muito maior e mais vigoroso do que Edward, e sempre considerou a abdicação deplorável. Mas ele e Edwina tinham a mesma atitude despreocupada com relação à infidelidade e, assim como o antigo rei, era considerado um pouco “demais da conta”. Viveu em grande estilo e tinha um quê quase admirável de vaidade. Ele e Montgomery uma

vez contaram as medalhas um do outro; quando Mountbatten descobriu que tinha uma condecoração a menos, se presenteou com mais duas. Era inclinado a cortejar a mídia em vez de a repelir. Depois que o duque de Windsor morreu, declarou, talvez mais por generosidade do que por sinceridade, que ele havia sido “meu melhor amigo por toda a vida”²⁶.

A rainha-mãe havia disseminado em toda a família uma forte antipatia por aquele “melhor amigo”, e é provável que uma certa reserva a Mountbatten tenha sido transmitida para sua filha. Não seria de se estranhar se o próprio duque de Edimburgo, secretamente, também tivesse sentimentos dúbios com relação a ele. Para a dinastia Windsor, que veio a considerar que o sucesso estava na capacidade de ser relativamente mais quieto e contido, o estilo de Mountbatten — que já havia sido testado e deixara a desejar na década de 1930 — pode, muito bem, ter sido considerado perigosamente exuberante.

A RAINHA ELIZABETH

Uma exuberância bem mais discreta era a principal característica da juvenzinha que seria introduzida com sucesso ao mundo das *Bright Young Things* [filme sobre a alta sociedade londrina que no Brasil recebeu o título *Sexo, Escândalos e Celebidades*]. Essa característica tornou-se um bem valioso para a rainha durante a maior parte de seu reinado. A rainha Elizabeth, como era mais conhecida — ou a rainha-mãe, como passaram a se referir a ela na segunda metade de sua vida —, acabou se tornando uma vovozinha querida que sobreviveu até o século XXI. Para a rainha Elizabeth II, ela era a “mamãe”; para milhões de súditos, ela era uma galinha com seus pintinhos, velha e valente, com um brilho no olhar e um bom copo de bebida ao alcance da mão.

Ela parecia ter sempre estado ali. Para praticamente todas as pessoas vivas no ano 2000 isso era, certamente, verdade. Nas-

cida em 1900, ela viveu até pouco mais que a virada do século. Viveu durante o reinado de seis monarcas: Vitória, Edward VII, seu sogro George V, Edward VIII, seu marido George VI e sua filha Elizabeth II. Para os bretões velhos o bastante para se lembrar, ela era acima de tudo uma memória viva da Segunda Guerra Mundial, e especialmente da *Blitzkrieg*. Seu comentário depois que o Palácio de Buckingham foi bombardeado, de que agora ela podia “finalmente ver o East End com clareza”, foi a coisa mais famosa que ela disse. Para muitos, ela parecia ofuscar a filha quando as duas estavam juntas. A família de Elizabeth II afirma que ela dependia muito de sua mãe como fonte de inspiração e alegria.

A rainha-mãe Elizabeth gostava de flertar com os homens; já avançada em seus noventa anos, apreciava a companhia de um varão com um brilho atrevido nos olhos. Adorava historiazinhas sobre amigos e parentes “desavergonhados” e era uma entusiasta dos romances de Maupassant sobre o amor e o flerte. Possuía carisma natural e inteligência arguta, e podia ser muito engraçada. O coreógrafo de balé *sir* Frederick Ashton era seu parceiro de dança favorito em Sandringham, quando os bailes aconteciam ali. Ela fazia-lhe um sinal quando queria dançar, mas, certa vez, enquanto ele se dirigia a ela para tomar-lhe a mão, sua filha Elizabeth II se interpôs e sugeriu que ele dançasse com ela. Ashton não recusou o desejo de sua rainha; à medida que dançavam pelo salão, cada vez que passavam pela mesa da rainha-mãe ela rosnavava para ele: “Interesseiro”!

Foi viúva durante metade da sua vida, mas uma viúva até que bem alegre. Seu papel no santuário privado da *Firma* era de uma importância enorme. De opiniões muito bem definidas e, ocasionalmente, severa a ponto de ser cruel, era uma figura mais interessante do que a imagem mais recente que as pessoas têm dela: de uma velhinha que gostava de cavalos, gim-tônica e grandes chapéus cor-de-rosa (para conhecimento, sua bebida preferida era, na verdade, gim com Dubonnet, uma combinação terrível

cuja apreciação deixou de herança para a filha). Com aqueles com quem se sentia à vontade, gostava de uma boa argumentação e de se sair vencedora, assim como gostava de ganhar no jogo de cartas *Racing Demon* — o suficiente, diga-se de passagem, para se permitir blefar descaradamente. O biógrafo oficial de seu marido disse que ela possuía “uma gotinha de arsênico no centro daquela maria-mole”²⁷. Ela era famosa por sua displicência com dinheiro e teve vários episódios de rombos na conta. Ainda assim, seu carisma, que nos seus dias de ouro se equiparava ao carisma de Diana quando esta era princesa, e seu firme senso de dever cristão a mantinham fora de perigo.

Suas visões conservadoras arraigadas permaneceram praticamente privadas e ela tornou-se adepta do escapismo para questões perigosas, simplesmente ignorando certos assuntos, uma estratégia que a filha também herdou. Mas seu conservadorismo não era apenas uma questão de sustentar pensamentos partidários da ala ultraconservadora. Ela era, por exemplo, fervorosamente hostil ao Partido Social-Democrata [*SDP, pelas iniciais em inglês*], formado nos anos 1980 — mas não porque ele fosse de esquerda ou de centro. Ela desgostava do SDP porque ele surgira de um racha do sucateado, “velho e bom Partido Trabalhista”. Para ela, lealdade era tudo. Se lorde Stamfordham era o plebeu que, com George V, criara a Casa de Windsor, a rainha Elizabeth era a plebeia aristocrata que deu à casa muito de seu estilo e de seus códigos de conduta.

A srta. Elizabeth Angela Marguerite Bowes Lyon, filha mais nova do conde de Strathmore (cujo Castelo de Glamis, em Angus, poderia ter sido usado como sede da Disneylândia), era uma moça atraente e cheia de vitalidade que acabou por se tornar a primeira pessoa que não era da realeza a se beneficiar com as novas regras criadas por George V para a família, em 1917. Ela pode ter sido criada numa família privilegiada — com sua boa parcela de histórias sangrentas, vilões e mártires românticos — e em um lar com

muitas conexões antigas com a realeza, mas, quando finalmente entrou para a família real, em 1923, era vista como uma intrusa. A falta de precedentes causou um debate oficial bastante empolado sobre como exatamente ela poderia ser descrita como a esposa do duque de York, e se ela iria se tornar a Sua Alteza (ela iria!). Ela mesma respondeu a uma de suas velhas amigas que escreveram perguntando como deveriam se dirigir a ela: “Eu realmente não sei! Pode ser qualquer coisa — você pode tentar ‘salve, duquesa’, que seria para um tipo de duquesa Alice no país das maravilhas, ou simplesmente ‘saudações’, ou ‘e aí, duquesa’, ou ‘fala, holandesa’ — na verdade, fique à vontade para escolher”²⁸.

Elizabeth passou a maior parte de sua vida de menina na casa da família, o St. Paul’s Walden Bury, em Hertfordshire, com outros nove irmãos e irmãs. A garota, chamada de “Buffy” pela família, viveu em dourado idílio eduardiano (que ainda existia para alguns poucos), cercada de gramados imaculados e de serviçais, completamente isolada da Grã-Bretanha das greves de sindicatos, dos protestos do Suffragette [*termo cunhado pelo jornal Daily Mirror para o movimento que pleiteava o direito ao voto para as mulheres do Reino Unido*] e do amargo debate político. Foi uma infância de passeios pelo mato e brincadeiras de esconde-esconde, cavalos e festas com caçadas, bolas iluminadas com luz de velas, piadas e cantorias familiares. Elizabeth ia à escola apenas esporadicamente; sua educação vinha, na maior parte, da governanta, uma jovem senhora alemã que escreveu com incredulidade sobre a grandiosidade e a extravagância da vida vivida no Castelo Glamis pouco antes da guerra. Esse mundo perdido deixaria marcas na filha de “Buffy”, que instilaria na atual rainha muito mais que o amor por cavalos ou uma crença ferina na lealdade familiar, legando ao coração da dinastia de Windsor uma mulher muito segura de si.

A guerra despertou o velho espírito de dever e nobreza à medida que os castelos de Glamis e St. Paul’s Walden Bury foram sendo usados para abrigar soldados convalescentes, com *lady*

Strathmore na presidência dos hospitais. A Elizabeth adolescente fazia tricô sem parar, mandava presentes e sacos de dormir acolchoados para as tropas na frente de batalha. Em Glamis, ela se acostumou a conviver com os feridos, trabalhadores de fala simples que não eram seus servos, uma experiência que a ajudaria a ter, mais tarde, um “toque de simplicidade”. Os Bowe Lyon eram muito religiosos, tanto quanto Elizabeth. Durante a guerra, um irmão, que fazia parte do batalhão Black Watch, foi morto; outro foi feito prisioneiro. Lado a lado com os privilégios havia perdas, luto e muita dependência das rezas cristãs e das idas à igreja; tudo isso foi transmitido, a seu tempo, para sua filha mais velha.

Um patriotismo escocês-britânico e uma antipatia apaixonada pelos alemães foram enraizados na personalidade de Elizabeth muito antes da ascensão de Hitler. Também o foi seu amor pela vida — seu entusiasmo por comida, música, dança e festas foi libertado assim que a guerra acabou. Havia recebido uma educação melhor do que a da sua própria filha, mas falhou visivelmente em uma prova, escrevendo em seguida: “MALDITO EXAME!!... Qual foi a utilidade de me arrastar até aquele lugar — como se chama mesmo? — Hackney? Nenhuma. Espumo de ódio só de pensar que comi aquela coisa vil, tapioca, para — nada? Infernos... Sim, estou muito decepcionada”²⁹. Essa história da tapioca teria muito a dizer a respeito das críticas que recebeu por não ter dado à princesa Elizabeth uma educação melhor que a sua.

A princípio, Elizabeth tinha dúvidas sobre Bertie, mas, enquanto continuava recusando seu pedido de casamento, devia estar também remoendo as implicações de se tornar um membro da “realeza”. Essa era uma corte intensamente formal, convencional e tradicionalista, presidida por um monarca de aparência um pouco intimidante. Em uma carta reveladora que escreveu para Bertie, ela comentou que imaginava Frogmore, a casa ao lado do Castelo de Windsor em que o mausoléu da rainha Vitória fora construído, como “uma tumba branca enorme e infestada de sa-

pos” (*frog* significa sapo em inglês, e *more* significa mais). “Não consigo imaginar porque essa é a impressão que tenho de lá — não é uma tolice?”³⁰

William Shawcross, biógrafo oficial da rainha Elizabeth, escreveu que, com o casamento, ela entrara em uma “espécie de gaiola dourada. A jovem duquesa não podia mais fazer compras sozinha; não podia mais andar de trem sozinha, ou de ônibus, de forma alguma. Não podia mais ver seus amigos da maneira espontânea que gostaria de ver... No fim das contas, a duquesa estava isolada e restrita de uma maneira que ela jamais estivera antes”³¹. Sua situação era, em resumo, semelhante a outra mulher da aristocracia que entrou para a família em 1981.

Assim como Diana, Elizabeth teve uma empatia com o público logo de início. Assim como Diana, ela fez considerável sucesso numa primeira visita à Austrália, ofuscando — como Diana ofuscou — seu marido. Seu sorriso foi discutido à exaustão. Assim como sua filha, a rainha atual, Elizabeth tinha aversão e evitava as visitas reais prolongadas, quando deixava seus filhos para trás. Quando a atual rainha nasceu, sua mãe já mostrara ser muito mais voluntariosa e astuta que Diana jamais teria sido. Ela conquistou seu sogro rosnante com cartas apoloéticas, muito tato e charme. A implacável rainha Mary, contente com o efeito que Elizabeth tinha sobre seu filho, amoleceu também. E Elizabeth encarou suas novas obrigações de aprendiz de Windsor com rapidez, aceitando trabalhos de ser madrinha, fazer visitas, inaugurar lugares, como se tivera nascido para isso. Acima de tudo, apesar das recusas iniciais e talvez até contra as expectativas — e, certamente, ao contrário de Diana —, ela se apoiava num casamento muito feliz.

A influência da rainha-mãe sobre sua filha talvez tenha sido menor que a de seu atual marido. Elizabeth II não herdou o entusiasmo pelo flerte ou pela fofoca picante. Ela é mais cuidadosa com o dinheiro e mais reservada, e leva a vida mais a sério. Mas

a rainha Elizabeth passou, sim, sua paixão por cavalos e corridas, um mundo à parte em que a atual rainha tem sido capaz de se renovar e esquecer um pouco as linhagens humanas para se dedicar às ainda mais emaranhadas linhagens equinas. Seu maior legado para a filha pode ser medido com seu falecimento: quando ela se foi, com a idade avançada de 101 anos, a atual rainha perdeu não só sua mãe, mas uma companhia extremamente próxima e que esteve ao seu lado por toda a sua vida.